



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO- UNICAP  
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA - PRAC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA  
DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

MARIA JEANE DOS SANTOS ALVES

TERAPÊUTICA POPULAR:

A “CURA” PELAS BENZEDEIRAS ENQUANTO MODO DE CUIDADO

Recife/PE

2016

MARIA JEANE DOS SANTOS ALVES

TERAPÊUTICA POPULAR:

A “CURA” PELAS BENZEDEIRAS ENQUANTO MODO DE CUIDADO

Tese apresentada à Universidade Católica de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Psicologia Clínica.

Linha de Pesquisa: Práticas Psicológicas Clínicas em Instituições

Orientador: Profº. Dr. Marcus Túlio Caldas

**Recife/PE**

**2016**

Nome: ALVES, Maria Jeane dos Santos

Título: Terapêutica Popular: A “Cura” pelas Benzedeiras enquanto Modo de Cuidado

Tese apresentada à Universidade Católica de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Psicologia Clínica.

### **Banca Examinadora**

---

Prof.<sup>o</sup>. Dr. Marcus Túlio Caldas  
Orientador – Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Carmem Lucia Brito Tavares Barreto  
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

---

Prof. Dr. Luiz Alencar Libório  
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Rubenilda Maria Rosinha Barbosa  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

---

Prof.<sup>o</sup>. Dr. Douglas Apratto Tenório  
Centro Universitário Cesmac

## **DEDICATÓRIA**

**Aos meus avós Pedro Vicente e Joana Maria**

**Com eles aprendi o respeito à natureza  
e a preocupação no cuidado com o outro.**

## AGRADECIMENTO

Neste momento onde tantas coisas boas aconteceram ao mesmo tempo é difícil fazer os agradecimentos, pois tantas pessoas contribuíram que temo esquecer alguma.

Agradeço a Deus. Sinto-me nesse momento privilegiada e uma filha muito amada.

Aos meus pais Geraldo e Benedita. À eles o dom da minha vida, e através deles agradeço a toda minha família.

Ao meu orientador Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas e Sua Senhora Rosaly. Ele acreditou no projeto e me deu os ensinamentos necessários ao desenvolvimento do mesmo. Rosaly me deu todo seu apoio.

Aos Professores do doutorado em Psicologia, em especial Prof<sup>ª</sup>. Carmem Barreto e Cristina Brito pelo carinho e compreensão.

Aos funcionários da UNICAP, especialmente a Nélia. Ela sempre foi minha ajuda, apoio e porto seguro institucional.

Ao meu amigo irmão Luiz Justino que me acolheu em sua casa durante todo o curso.

Ao Prof. Dr. Douglas Apratto Tenório, sem ele e seu apoio jamais poderia ter cursado esse doutorado.

A Prof<sup>ª</sup>. Dra. Enaura Quixabeira pelo apoio e conselhos, meu carinho e gratidão.

A Dr. Lucia Maria Santa Rita. Houve momento em que achei que não poderia mais continuar e tão pouco conseguir concluir. Sua orientação e apoio foram decisivos e fundamentais no alcance dos objetivos.

Aos meus companheiros de estrada e noites mal dormidas, fieis escudeiros de todos os momentos, feito Dom Quixote de Sancho Pança, Jackson e Manoel Henrique, sem os dois me sinto incompleta.

E finalmente ao meu pequeno Gian que em um momento de apreensão minha, olhou para mim e do alto de sua sabedoria de 07 anos disse “Mana você consegue, você é inteligente e vai tirar dez”.

## Sumário

Resumo.....	09
Abstract.....	10
Introdução geral.....	11
<b>Artigo1- Epistemologia da benzeção: um olhar sobre a relação da espiritualidade e saúde.....</b>	<b>15</b>
Resumo.....	15
Abstract.....	16
Introdução.....	17
1 - Metodologia do Estudo do Estado da Arte.....	17
2 – Estado da Arte da Benzeção, Benzedeadas e Benzeduras.....	18
3 – Síntese dos Resultados.....	27
4 - Considerações Finais.....	27
Referências.....	29
<b>Artigo 2 – História e historicidade de mulheres benzedeadas.....</b>	<b>31</b>
Resumo.....	31
Abstract.....	32
1 – O dom e o ofício da benzeção.....	33
2 – Relação da mulher com o saber e o cuidar: Uma leitura, a partir de Mary Del Priore e Michelle Perrot.....	34
3 – História e historicidade.....	36

4 – Benzeção: uma tradição de cuidado na modernidade técnica.....	40
4.1 – O que é a modernidade técnica?.....	40
5 - Considerações Finais.....	46
Referências.....	47
<b>Artigo3– Modos de cuidado a partir da benzeção: abrindo trilhas, delimitando caminhos.....</b>	<b>49</b>
Resumo.....	49
Abstract.....	50
Introdução.....	51
2 – Benzeção e benzedeadas.....	52
3 - Cura e Cuidado.....	55
4 – Metodologia.....	56
4.1 – Natureza da Pesquisa.....	56
4.2 – Amostra.....	56
4.3 – Os Instrumentos.....	58
4.4 – Procedimentos para confecção dos dados.....	60
4.5 – Procedimento para Análise.....	60
5 – A Prática da benzeção.....	61
5.1 – O Saber e o Fazer das benzedeadas.....	61
6 - Considerações Finais.....	70
Referências.....	72

<b>Artigo4– A benzeção enquanto modo de cuidado .....</b>	<b>74</b>
Resumo.....	74
Abstract.....	75
1 – A Sociedade moderna e as questões geradoras de crise de sentido.....	76
2 – Importância da religião e espiritualidade na sociedade atual.....	79
3 – Metodologia.....	80
4 – Espiritualidade e Benzeção.....	82
5 – Ofício ou missão de benzedeira.....	85
6– Mística e Cuidado pela benzeção.....	89
Considerações Finais.....	91
Referencias.....	93
Considerações Finais Gerais.....	97
Referencias Gerais.....	99

## RESUMO GERAL

A pesquisa teve, como objetivo geral, compreender a procura de tratamento com benzedeadas, enquanto modo de cuidado. Os objetivos específicos foram: descrever as práticas curativas das benzedeadas; compreender a prática da benzeção, enquanto cuidado, e estudar a permanência desta prática na modernidade técnica. Foi desenvolvida por meio de pesquisa de natureza qualitativa numa perspectiva fenomenológica existencial. Os instrumentos utilizados foram a narrativa na perspectiva de Walter Benjamin e o diário de campo da pesquisadora. A fundamentação teórica foi a analítica existencial de Heidegger. As análises foram realizadas sob a ótica da hermenêutica filosófica de Gadamer, com ênfase nos conceitos de tradição e historicidade, no intuito de alcançar uma narrativa final, que será construída a partir do diálogo entre os participantes, a pesquisadora e o referencial teórico. O trabalho final resultou na presente tese, que foi dividida em quatro artigos. O primeiro artigo apresenta o estado da arte da benzeção, através das pesquisas e trabalhos desenvolvidos sobre benzeção, cuidado e espiritualidade, dentro da perspectiva fenomenológica, desenvolvidos no período de 2004 a 2012. O segundo apresenta a história e historicidade da benzeção dentro de um contexto de tradição. São levadas em consideração história e historicidade, na perspectiva heideggeriana e ainda o conceito de tradição na ótica de Gadamer. Utilizou-se os referenciais teóricos de Mary Del Priore e Michele Perrot. No terceiro artigo, discute-se a espiritualidade e benzeção. Procura-se refletir a busca do homem por tratamentos que incluam também a espiritualidade sem, no entanto abandonar os avanços próprios do atual contexto social atual. E, no quarto e último artigo, procura-se compreender a benzeção, enquanto modo de cuidado, em uma sociedade altamente tecnologizada e que fragmenta o homem, na sua oferta de tratamento de saúde. E ainda como esse homem concilia os avanços da técnica com as formas históricas provenientes da tradição, no modo de cuidado na saúde.

**Palavras chaves:** benzedeadas, benzeção, cuidado, fenomenologia existencial, práticas terapêuticas populares.

## **Abstract**

The research had with general objective to understand the treatment search with benzedeiros while care way, the specific objectives were: to describe the healing practices of the benzedeiros; To understand the practice of the benzeção while care, and to study the permanence of this practice in the technical modernity. It was developed through research of qualitative nature in a perspective existential phenomenological. The used instruments were the narrative in Walter Benjamin's perspective, the participant observation, participation of the ritual of the benzeção and the diary of the researcher's field. The theoretical foundation will be the analytical existential of Heidegger. The analysis were then accomplished under the optics of the philosophical hermeneutics of Gadamer, in the intention of reaching a final narrative, that will be built starting from the dialogue among the participants, the researcher and the theoretical foundation. The final work resulted in the present theory that is divided in four articles. In the first article it will be presented the researches and works developed on benzeção and care in the perspective existential phenomenological. The second article introduces its recounts and historicity of the benzeção inside of a traditional context. They are considered recounts and historicity in the heideggeriana perspective and still the tradition concept in the optics of Gadamer. The third article will discuss the spirituality and the man's search by treatments that also includes this aspect in the current social context. And in the fourth and last article we try to understand the benzeção while care way in a highly technological society and that fragments the individual in their treatment forms. It is waited that this work can contribute in the reflection and can guide to a new form of looking for this practice of such traditional care that is the benzeção. It was used Mary's theoretical referential, Del Priore and Michele Perrot. And still how that man reconciles the progress of the technique with the coming historical forms of the tradition, in the care way in the health.

**Key words:** Benzedeira, benzeção, care, existential phenomenology, popular therapeutic practices.

## Introdução geral

Benzeção indica bênçãos, significa abençoar, portanto, benzer pode significar abençoar, proteger e cuidar. A benzeção, enquanto terapêutica popular de cura, é realizada com orações e com ervas. É uma prática muito antiga e que na maioria dos casos é realizada por mulheres. Estudos apontam sua existência já na Idade Média. Nesta época, a doença era vista como algo demoníaco e estava ligada ao número de pecados cometidos pelo doente. Misturava-se assim o desconhecimento das crenças míticas, o que resultava em um quadro de atraso e repressões. A busca por respostas aos problemas de saúde da população nem sempre era aceita pelas autoridades eclesiásticas.

Na atualidade, diante de uma sociedade onde é imperativa a predominância da técnica, no cuidado com a saúde, a benzeção se apresenta como uma prática de cuidado ligada à tradição e à historicidade do ser humano, que sobrevive na sociedade atual. Mesmo nos grandes centros urbanos pode-se encontrar benzedeadas, em pleno exercício de seu ofício.

Benzedeadas são mulheres que realizam a arte da benzeção. Elas trazem na sua historicidade a tradição de cuidar da saúde das pessoas por meio de orações. Possuem uma profunda ligação religiosa e uma vivência espiritual permanente, através da prática das diversas devoções.

Esta pesquisa foi desenvolvida buscando compreender a cura pela benzeção, enquanto modo de cuidado. Buscou-se compreender o cuidado, ao modo de Heidegger, que considera o ser essencialmente cuidado.

Porque, em sua essência, o ser-no-mundo é cura, pode-se compreender, nas análises precedentes, o ser junto ao mundo como ocupação e o ser como co-presença dos outros nos encontros dentro do mundo como preocupação. O ser-junto a é ocupação por que, enquanto modo de ser-em, determina-se por sua estrutura fundamental, que é a cura. A cura caracteriza não somente a existencialidade, separada da facticidade e decadência, como também abrange a unidade dessas determinações ontológicas. (Heidegger, 2012, p. 259- 260).

Foram trabalhados ainda os conceitos de historicidade. Para Heidegger não poderia haver “Historie” se não houvesse *Geschichte* (História do mundo), que, por sua vez, depende de *Geschichtlichkeit* (historicidade). Ou seja, não poderia haver acontecimentos passados (historie), se não houvesse uma história que acontece. (Heidegger, 2012, p. 370).

A pesquisa foi inscrita no CAAE sob o n. 28217114.0.0000.5206. Aqui encontra-se dividida em quatro artigos, onde se procurou compreender o modo de cuidado e a historicidade da benzeção, a partir do pensamento de Heidegger. Discutiremos ainda a arte e a técnica de cuidar numa visão gadameriana, considerando os conceitos de tradição, círculo hermenêutico e ainda a compreensão sobre a influência da espiritualidade na saúde.

Todas as sociedades humanas são originalmente organizadas em torno de uma relação com o transcendente, que se expressa por meio de diversos rituais. Esta relação se destaca por sua capacidade de fornecer diretrizes para a vida humana nos diferentes modelos sociais. Por isso, consideramos que a religião possui uma relevância social, e, que a espiritualidade possui um papel de destaque, nas questões existenciais e na relação com o outro. Portanto, não se pode desprezar a importância e os benefícios que a espiritualidade possui no restabelecimento da saúde.

Diversos estudos vêm sendo realizados a respeito de como a espiritualidade tem influenciado na terapêutica de cura, sobre o poder da oração também sobre a aceitação de práticas não convencionais no tratamento da saúde.

No primeiro artigo, procurou-se apresentar as pesquisas e trabalhos desenvolvidos sobre benzeção, cuidado e espiritualidade na saúde. Os artigos apresentam o cuidado, numa perspectiva sócio antropológica e psicológica, em que se aproxima, mas concepções de mundo, espiritualidade, existencialidade, história e historicidade. Foram utilizados os seguintes descritores: benzedeiros, ramos, práticas de cuidado, sentido do cuidado, psicologia e espiritualidade, nas bases de dados Scielo e Lilacs. Foi ainda considerado como critério de inclusão o período histórico de 2004 a 2012.

No segundo artigo, foram apresentadas a história e a historicidade de mulheres benzedoras. Os aspectos históricos foram considerados, a partir dos estudos de Mary Del Priore e Michelle Perrot, no que trata de relação da mulher com o saber e com o cuidado, desde a Idade Média chegando ao Brasil Colônia, e como este saber era visto, sobretudo pela Igreja Católica.

Heidegger reserva *Historie* ao estudo ou narração de eventos passados, a “historiografia” ou historiologia. Em última análise, estas palavras derivam de *geschehen* palavra que designa “acontecer” ou “ocorrer”... O *Dasein* acontece. O *Dasein* se estende do

nascimento até a morte, “movimento específico ao longo do qual o Dasein é estendido, e se estende ele mesmo, chamamos de historização” (Heidegger, 2012, p. 370).

No terceiro artigo, foram descritos: a natureza da pesquisa, a amostra e os critérios de participação, os instrumentos utilizados na colheita dos dados e a análise. A pesquisa é de natureza qualitativa, numa perspectiva fenomenológica existencial, buscando compreender a procura de tratamento com benzedeadas, enquanto modo de cuidado. De acordo com Minayo (1998, p. 21), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos e aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, que não podem ser reduzidas a operacionalização de variáveis. Este tipo de pesquisa apresenta uma variedade de modelos de investigação, em que cada um deles é adequado à abordagem e ao referencial teórico adotado na pesquisa. A pesquisa qualitativa não possui a pretensão de universalizar os resultados, ao contrário, ela busca a compreensão do fenômeno estudado.

O trabalho teve como instrumentos: o diário de campo e as narrativas que foram realizadas com benzedeadas e com pessoas que procuram tratamento com elas. A narrativa foi tomada na ótica de Walter Benjamin. Na narração, as histórias reconstruídas ganham um novo significado e assim adquirem outra possibilidade de sobrevivência, ancorando-se na tradição, pois a reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração a geração. Para Benjamin, a naturalidade do narrador poderá surtir os efeitos necessários ao ouvinte para recontar a narração, possibilitando manter viva aquela tradição.

No quarto artigo, discute-se a benzeção, enquanto modo de cuidado, considerando o cuidado ao modo de Heidegger. Inicia-se com uma reflexão em torno das questões geradoras de crise de sentido na sociedade moderna. Onde a ciência e a técnica na atualidade produziram no homem uma mentalidade dominada pela razão, pela busca da satisfação de necessidades imediatas. A perda de significado dos valores éticos e morais, de valores culturais e tradicionais conduzem a uma perda de referenciais e ao mesmo tempo produzem questões geradoras de inseguranças e instabilidades. Neste contexto, observa-se um retorno a aspectos tradicionais de cuidado que possam olhar este homem como um ser integral. Ao mesmo tempo, observa-se uma busca aos cuidados que envolva a espiritualidade e a religiosidade. A benzeção se apresenta como terapêutica popular de cuidado, oriunda das

religiosidades católica, indígena e africana. Este aspecto é o foco principal da reflexão deste último artigo. As benzedeadoras acreditam possuírem um dom, que transforma a prática da benção, em uma missão em suas vidas e suas vidas, na grande missão de benzer.

## Artigo I

# **EPISTEMOLOGIA DA BENZEÇÃO: Um olhar sobre a relação da espiritualidade na saúde.**

### **Resumo**

Neste artigo, procuramos apresentar as pesquisas que foram desenvolvidas sobre a temática em questão. Ao iniciar o levantamento, acreditava-se que, pouco ou quase nada, existia de pesquisa na área, dada a dificuldade de referenciais disponíveis. Ao desenvolver o estado da arte, pode-se observar relevantes contribuições que vêm se desenvolvendo com esta temática. As pesquisas do tipo estado da arte têm o papel de “mapear” e “discutir” as produções, em seus mais diversos campos ou áreas do conhecimento, a respeito de determinado tema. Em geral, são de natureza bibliográfica. Este artigo foi produzido por meio de uma pesquisa bibliográfica, realizada nas bases de dados Scielo e Lilacs, onde foram localizadas mais de vinte publicações, no período histórico de 2004 a 2012. Posteriormente, foram selecionadas utilizando os descritores: benzedeiros, ramos, práticas de cuidado, sentido do cuidado e fenomenologia, psicologia e espiritualidade. Foram encontradas importantes contribuições epistemológicas, produzidas principalmente no campo da psicologia do ensino médico e espiritualidade. Tais contribuições tiveram o papel de apontar o caminho para o desenvolvimento desta pesquisa. A partir dos estudos já realizados, podem-se delimitar aspectos já pesquisados e expandir outros.

**Palavras- chaves:** estado da arte, práticas de cuidado, benzedeiros e psicologia.

## **EPISTEMOLOGY OF BENZEÇÃO: A glance about the relationship of the spirituality in the health.**

### **Abstract**

In this article we tried to present the researches that were developed on the theme in subject. When the research was begun, it was believed that little or almost nothing exists on the research area , given the difficulty of available references. When developing the state of the art it can be observed relevant contributions that comes to be developed with this theme. T based on Scielo and Lilacs. They were located in the bases of data researched, more than twenty publications in the historical period from 2004 to 2012, using the descriptors: benzedeiros, branches, care practices, sense of the care and phenomenology, psychology and spirituality. A lot of epistemological contributions were found, mainly in the field of the psychology of the medical teaching and spirituality. Such contributions had the paper of pointing the road for the development in elapsing of the research. The researches of the type of the art have the paper of to "map" and to "discuss" the productions in their more several fields or areas of the knowledge regarding certain theme. In general they are of bibliographical nature. From previous studies, one can define aspects already surveyed and expand others.

**Key words:** State of the art, care practices, benzedeiros and psychology.

## INTRODUÇÃO

As pesquisas denominadas “estado da arte” possuem o papel de apontar as contribuições, que vêm sendo realizadas na área em estudo. Tais contribuições procuram apresentar inovações e transformações e podem ainda ajudar o pesquisador a delimitar melhor o campo de pesquisa, definir objetivos e identificar aspectos, que poderão possibilitar uma mais profunda compreensão do fenômeno estudado. De acordo com Romanowski e Ens:

Estado da arte pode significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área do conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada (2006, p. 39).

O “estado da arte” procura fazer uma sistematização dos estudos realizados sobre o tema pesquisado, por meio de teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos publicados em revistas científicas e outras publicações acadêmicas. Estes estudos, através de seus múltiplos olhares, possibilitam ao pesquisador estabelecer relações entre os referenciais teóricos utilizados e sua prática, no campo de trabalho pesquisado.

### 1- METODOLOGIA DO ESTUDO DO ESTADO DA ARTE

Nesta pesquisa, inicialmente, foi feito um levantamento do conhecimento produzido acerca do tema com os seguintes descritores: benzedeiros, ramos, práticas de cuidado, sentido do cuidado e fenomenologia, psicologia e espiritualidade, nos bancos de teses e dissertações. Seguiu-se de pesquisa na base de dados Scielo e Lilacs de artigos e pesquisas. Posteriormente, foi realizada a leitura e sistematização dos dados obtidos seguida da elaboração de relatório sobre cada texto encontrado.

Neste caso, buscou-se identificar conhecimentos produzidos sobre benzedeiros, utilizando os descritores já citados, as abordagens utilizadas e as principais contribuições, no campo da saúde e principalmente da psicologia. Para os descritores: benzedeiros, ramos, práticas de cuidado, sentido do cuidado em Heidegger, foram encontrados 22 artigos, destes selecionamos 15 artigos, utilizando como critérios: o período histórico, onde fizemos um

recorte dos trabalhos publicados entre 2004 e 2012, o tipo de pesquisa qualitativa, espiritualidade, praticas de cuidado, o cuidado e a relação deste com benzeção.

Nas pesquisas selecionadas, encontramos alguns aspectos que foram desenvolvidos, nas áreas de saúde e antropologia. Algumas utilizaram a abordagem fenomenológica existencial, natureza qualitativa considerando: a observação participante, o estudo de caso, com relato de experiência, por meio da narrativa e da história oral. A seguir, faremos uma pequena descrição, a respeito de cada uma delas, seguida de pequenos comentários.

## **2- ESTADO DA ARTE DA BENZEÇÃO, BENZEDEIRAS E BENZEDURAS.**

Ayres (2004) discute sobre a crise que estão passando as práticas de saúde contemporâneas e a influência no modo de ser. Esta crise passa pelas limitações em responder às necessidades de saúde do indivíduo. Discute ainda a humanização e a integralidade do cuidado em saúde. A reflexão trabalha dentro de uma perspectiva hermenêutica, onde a base da revisão teórica está no conceito ontológico de cuidado, de Heidegger, em suas relações com os modos de ser (do) humano, a partir dos aspectos atuais da atenção em saúde, nos seus aspectos mais primários. A metodologia da pesquisa é um estudo de caso, com relato de experiência, por meio de coleta de narrativa, buscando relacionar os aspectos técnicos aos aspectos humanísticos da atenção à saúde.

No relato sobre o atendimento de uma paciente, com resposta negativa ao tratamento, o médico procura compreender o modo como a paciente cuida de existir no mundo, por meio de mudança da abordagem, na qual ele solicita que a paciente fale de si e, com esta abertura, proporcionar uma nova experiência para ambos.

Sei que uma consulta nunca mais foi igual à outra, e eram, de fato, encontros, o que acontecia a cada vinda sua ao serviço. Juntos, durante o curto tempo em que, por qualquer razão, continuamos em contato, uma bem delicada e bem sucedida relação de cuidado aconteceu. (Ayres, 2004, p.20)

Pode-se perceber que, através da abertura do médico e da narrativa da paciente, houve uma aproximação entre ambos, o que permitiu que se estabelecesse uma relação de cuidado. A narrativa aproxima o ser humano da experiência do outro e as práticas de cuidado

mudam a partir daí. Portanto este encontro se caracteriza como um encontro terapêutico, podendo-se observar os aspectos técnicos e humanísticos se relacionando.

Santos, (2004) realiza um estudo entre neopentecostais, onde discute a busca da população por formas consideradas alternativas de tratamento para o reestabelecimento do seu bem estar, em virtude da precariedade do sistema de saúde. Discutem-se ainda as noções de saúde e doença, a partir da visão religiosa do mundo, e quais as influências dessa concepção na relação dos pacientes com a medicina ou com a busca de poderes sobrenaturais. A metodologia utilizada foi a observação participante e as entrevistas semiestruturadas. É um artigo interessante, pois, a temática é diferente em relação às demais. Santos (2004) considera que no resultado foi percebido que o discurso da igreja é fornecedor de sentido, pois orienta e ajuda as pessoas a lidarem com suas aflições cotidianas. A doença passa a ser vista como uma ação demoníaca e a cura requer uma espécie de exorcismo do fiel.

Paiva (2005) em um estudo teórico discute a relação entre psicologia e espiritualidade, no qual enfatiza a questão da relação espiritualidade e secularização. O autor ressalta a saturação da materialidade da vida relacionada à busca pela espiritualidade, e ainda a espiritualidade ligada à busca de sentido da existência, assim como discute a importância dos estudos da psicologia da religião.

Observação interessante é a de que, nessas populações, a espiritualidade não parece ser uma compensação da secularização, ou seja, uma substituição da perda da referência religiosa clássica. Não parece, pois, haver uma nostalgia da religiosidade, encaminhada para a espiritualidade: ao contrário, o interesse pela espiritualidade parece surgir de um clima de saturação com a materialidade da vida e a estreiteza dos horizontes. (Paiva,2005.p,11)

Esta busca encontra-se livre do domínio da tradição religiosa e da autoridade o que possibilita autonomia frente à instituição religiosa e o despertar do indivíduo possa acontecer, principalmente em momentos de crise, contribuindo, dessa forma, para a saúde mental. Daí, a importância da psicologia da religião na compreensão do fenômeno religioso.

A espiritualidade implica autonomia da pessoa frente à tradição e à instituição religiosa, busca pessoal de sentido, senso de conexão com o universo, dependência de um princípio transcendente ao indivíduo e a este mundo, insatisfação com a materialidade do mundo e preferência pela experiência em relação à doutrina. Na dimensão motivacional da busca de sentido, espiritualidade e religiosidade se encontram, comparativamente às abordagens filosóficas e existenciais, uma vez que uma e outra acreditam na existência de um sentido e de uma finalidade da vida. Porém, comparativamente com a religiosidade, a espiritualidade se sente livre em

relação à tradição e à autoridade, às próprias motivações integradoras da construção do sentido e à facilidade em oferecer respostas às questões da existência. Ainda no aspecto motivacional, a revisão crítica não descobriu instabilidade emocional nem na religiosidade nem na espiritualidade. Outro aspecto comum é o de que espiritualidade e religiosidade costumam aparecer nos momentos de crise e adversidade. No aspecto social, parece que a religiosidade supera a espiritualidade no apoio social para a saúde mental e física. (Paiva, 2005. P, 11)

Santos (2007) aborda as práticas das rezadeiras evangélicas, a partir de uma perspectiva antropológica, voltada para a compreensão da prática, como um processo dinâmico. Pesquisa etnográfica, que também aborda a comunhão de crenças religiosas e as práticas de saúde entre as mulheres que realizam curas. Buscou-se fazer uma reflexão sobre como se dá a relação entre rezadeiras e a Igreja Católica, rezadeiras e as igrejas evangélicas e também entre elas e os profissionais de saúde. A metodologia utilizada foi a observação participante e entrevistas semiestruturadas. Entre as contribuições estão às formas de como as denominações religiosas e as práticas terapêuticas são articuladas pelas rezadeiras para a reelaboração de suas práticas terapêuticas religiosas. O autor conclui que a pesquisa possibilitou realizar um cruzamento entre as diversas denominações religiosas e as práticas terapêuticas, nascidas deste encontro.

Titanegro (2007) em uma revisão teórica, faz uma reflexão a cerca da espiritualidade nos anos 90. O artigo trata do retorno à espiritualidade como fato desencadeador de mudanças de hábitos, em diversos aspectos da vida humana.

Os anos 90 marcam a volta da espiritualidade para o interior da casa. Devido à agitação e ao estresse da vida nas cidades grandes, busca-se na própria casa a meditação, o assomo à transcendência (Tittanegro. 2007. p. 167).

A espiritualidade aparece intrinsecamente ligada ao alimento e à hospitalidade da casa. Quem acolhe o visitante acolhe o outro (Tittanegro p.167).

Nos interiores do Brasil, acolhe-se a visita com o cafezinho, sinal de boas vindas, símbolo da comunhão do pouco com o muito. Também nos interiores das casas, o lugar reservado à imagem dos santos, já era “sagrado”, isto é, devia existir. A casa era o lugar das novenas, dos terços, do encontro com os mortos, da elevação do espírito (Tittanegro, 2007. p.167 - 168).

Outro aspecto interessante neste texto é a ênfase dada aos trabalhos desenvolvidos sobre a espiritualidade na cura e no cuidado dos pacientes. O autor alerta que todos estes aspectos ligados ao tema espiritualidade demonstram uma sede de referencial, uma busca de sentido, um chamado à humanização do humano. Esta reflexão conduz a necessidade

de referencial sobre o tema em questão. E finaliza apontando a espiritualidade como resposta a necessidade do ser humano as suas inquietações se sua finitude.

Zoboli e Pegoraro (2007) realiza uma análise teórica da bioética do cuidado em sua multiplicidade de aspectos, tomando como desafio a espiritualidade e a ética do cuidado na atenção a saúde. Propõe no cuidado um equilíbrio entre ser (ética) e fazer (técnica) e nesse contexto procura valorizar as relações interpessoais. Para Zoboli e Pegoraro (2007) cuidar tem o sentido de encontro.

Cuidar é ir ao encontro do outro e caminhar com o outro, acompanhando-o na promoção de sua saúde. O prestador de cuidado, em um encontro que visa criar laços de confiança e vínculos, mostra-se como um profissional que pode ajudar e acompanhar a pessoa de quem está cuidando, observando a singularidade de seu projeto de vida e identificando as potencialidades. (2007, p.217).

Zoboli e Pegoraro (2007), em suas considerações finais, conduzem o leitor a uma reflexão a respeito da integração e equilíbrio entre saúde e espiritualidade, ética e técnica no cuidado humano, onde a assistência espiritual e a psicoterapia comungam em muitos pontos, entretanto o principal é a escuta atenta e cuidadosa que ambos realizam em suas práticas.

Kovács (2007), no texto, aborda a relação entre psicologia e espiritualidade, procurando estabelecer o que é comum e específico em cada uma delas. Espiritualidade aqui é compreendida como busca pelo sentido da vida, da transcendência. Para Bertanchini (2006), espiritualidade significa sopro de vida, encontrar seu sentido. O que vai além para além dos dogmas religiosos. Para Kovács espiritualidade é busca humana.

A espiritualidade é também uma busca humana em direção a um sentido, com uma dimensão transcendente. Envolve a tentativa de compreensão de uma força superior que pode estar ligada a uma figura divina ou força superior. (Kovács. 2007, p.246)

A autora enfatiza no texto que a espiritualidade se inicia com uma ligação religiosa ou uma “construção interior” e ainda que a espiritualidade, como sentido de transcendência, está ligada a uma compreensão do sentido de vida (2007).

O artigo é um trabalho teórico, a partir de conceitos já definidos de espiritualidade, cuidado e sua relação com a psicologia. Utiliza autores como Frankl e Jung.

Em suas conclusões, enfatiza a necessidade de integração entre as áreas da ciência para com o cuidado humano.

As religiões, além de tradições representadas por um conjunto de crenças, ritos, símbolos e cerimônias, também apresentam um vasto campo de experiências sobre a existência humana, procurando explicar a ligação entre o sentido da vida e o sentido da morte. Tais experiências estão ligadas a um encontro pessoal com o transcendente, que geralmente acontece por meio da religião.

A fé faz parte das religiões tradicionais e da busca pessoal pela religiosidade e pode passar por vários estágios. A fé está vinculada à força espiritual e à busca em acreditar num sentido maior. A fé tem relação com a vivência existencial, tendo, por isto, uma tonalidade mais subjetiva. (Kovács. 2007,p. 246).

Filho e Sá (2007) fazem uma análise teórica sobre o ensino médico e espiritualidade. O texto aborda as questões da espiritualidade sobre vários aspectos, entre eles espiritualidade e saúde, espiritualidade e o ensino da bioética, finalizando com uma reflexão sobre a reforma curricular e o ensino da ética médica. Destacamos a relação estabelecida entre espiritualidade e saúde, onde o autor inicia o texto fazendo uma reflexão a respeito da progressiva separação entre religião e ciência, que ocorreu no início do século XX, conduzindo a uma “repressão da religiosidade”, tendo ela chegado inclusive a ser tratada como patologia ou causadora de patologias. Houve uma supervalorização dos aspectos científicos em detrimento dos aspectos humanísticos. Os estudos despertam o interesse pelo papel positivo da religiosidade e da espiritualidade.

Alguns autores apontam um papel positivo da espiritualidade e da religiosidade (principalmente da oração de intercessão) em doenças coronarianas, hipertensão arterial, ansiedade, depressão, função imune e mortalidade em geral.

Esses possíveis benefícios da espiritualidade sobre a saúde podem estar associados desde as reações fisiológicas mais simples, como a redução da tensão muscular, da frequência cardíaca e da pressão arterial, como também a reações mais complexas, como a capacidade para o controle da dor e do sofrimento e a diminuição do estresse, levando a um maior equilíbrio das respostas imunologicamente moduladas (Filho e Sá. 2007, p. 276).

A Espiritualidade proporciona ao homem uma capacidade maior de ajustamento, diante de situações desafiantes e este fator contribui positivamente no restabelecimento da saúde, ou ainda, em situações de estresse e de conflito.

Na década de 90, sente-se a necessidade de discutir modelos de ensino médico que levem em consideração os aspectos éticos e humanos, já que os “antigos modelos curriculares, de base tecnocientífica” não atentavam para as novas demandas sociais (Filho e Sá, 2007).

Em uma abordagem teórica, Savioli (2007) procura estabelecer uma relação entre a oração e cura. Se de fato acontece a cura por meio da oração ou de é pura fantasia das pessoas. O trabalho é resultado de uma revisão teórica de alguns artigos, e procura fazer uma reflexão a respeito dos aspectos positivos e negativos, advindos da associação entre o tratamento médico e o espiritual realizado por meio da oração.

Alguns aspectos são destacados no texto, entre eles a relação entre o estado de saúde e o envolvimento religioso. Observou-se que a vivência de uma espiritualidade seja por meio da meditação ou reza do terço, pode reduzir o nível de estresse, melhorar os mecanismos de defesa, podendo ainda aumentar a expectativa de vida.

Mais recentemente, no entanto, o interesse dos pesquisadores vem se dirigindo aos sistemas imunológicos, neurológico e psicológico, cuja interação poderia exercer papel preponderante na gênese dos benefícios que o envolvimento religioso poderia trazer aos indivíduos, no tratamento auxiliar de várias patologias, como hipertensão arterial, doenças cardiovasculares, depressão, ansiedade e outras (Savioli, 2007,p.282).

Para Savioli (2007), as pesquisas desta natureza têm demonstrado que os “aspectos religiosos devem ser considerados também como um fator terapêutico na promoção da saúde dos indivíduos”.

Külkamp, Burin, Souza, Silva e Piovezan (2007) estudaram a aceitação de práticas não convencionais, em saúde, por estudantes de medicina, onde avaliou o conhecimento e aceitação d estas práticas por parte dos mesmos. A pesquisa realizada foi descritiva, de campo, em que se buscava avaliar o conhecimento e o interesse a respeito das PNCS.

Entre as práticas não convencionais, elencadas pelos entrevistados, apareceram além das benzedeadas, ioga, homeopatia, chás caseiros, acupuntura e orações. O texto chama à atenção para um aspecto bastante interessante: mesmo onde as práticas não convencionais não fazem parte do currículo do curso de medicina, mais de 50% dos alunos participantes da pesquisa afirmaram ter interesse em aprender sobre as mesmas. Para as PNCS como ioga,

acupuntura, fitoterapia e orações, mais de 50% dos alunos afirmaram que indicariam ou apoiariam o uso delas por seus pacientes. Concluiu-se que há interesse dos acadêmicos em práticas não convencionais, bem como evidências da necessidade de inclusão de disciplinas curriculares que abordem as PNCS, nos cursos de graduação em Medicina. Estes fatores levam a concluir que existe atualmente uma abertura para as práticas tradicionais na terapêutica de cuidado, que anteriormente eram consideradas placebo ou míticas.

Silva (2010) em uma pesquisa de iniciação científica ressalta a importância do trabalho das benzedeiras na promoção à saúde, onde as mesmas utilizam o conhecimento que possuem e que foram transmitidos de geração a geração através da oralidade e da ancestralidade. A pesquisa tem o objetivo de discutir o processo de cura, através da prática das benzedeiras, procurando compreender a importância da ética dos profissionais de enfermagem diante do trabalho delas.

Realizado por meio da observação participante, o trabalho permitiu a observação de que na promoção da cura realizada pelas benzedeiras, a fé do usuário que almeja ser curado é indispensável para um processo curativo eficaz. O usuário que não dispõe das regras de fé e valores culturais condizentes com essa prática, pode não possuir êxito na cura. Outra consideração da pesquisa foi que conhecer esta prática é de relevante importância para os profissionais de enfermagem, pois estimula o respeito à pluralidade religiosa ao passo em que se faz uma reflexão social, cultural e ética acerca do trabalho das benzedeiras no processo de promoção à saúde. Chegou-se à conclusão de que o trabalho das benzedeiras alivia as dores e os males da população que procura seus serviços. Nota-se que é de fundamental importância para o desenvolvimento da saúde coletiva e da assistência à enfermagem a conciliação da racionalidade dos saberes científicos aos populares, na promoção da saúde da população.

Silva (2009), A pesquisa foi realizada a partir do registro e identificação das benzedeiras como patrimônio cultural de Curitiba, resultando no mapeamento de parte significativa das benzedeiras de Curitiba, atualmente em atividade. Em um contexto de desencantamento da sociedade moderna, Silva (2009) preocupou-se em compreender o fenômeno religioso da crença nas benzedeiras, através da percepção, que elas têm de si, e também qual a percepção que a sociedade tem delas. Concluiu a pesquisa identificando um retorno a religiosidade popular e tradicional, capaz de proporcionar a ressignificação da prática das benzedeiras. Percebe-se, assim, que o autor buscou analisar as causas e compreender o processo

histórico dessas benzedeadas, em sua relação com a sociedade, categorizadas pela historiografia como tradicionais.

Discute-se ainda, neste artigo, a Identificação e o Registro das benzedeadas tradicionais de Curitiba como Patrimônio Imaterial Cultural dessa cidade, no ano de 2008. Em sua pesquisa Silva (2009) observou nos jornais de Curitiba do início do século XX, alguns documentos que lhe chamaram a atenção, pois se tratavam de reportagens sobre curandeiras e benzedeadas, em tom de denúncia de crime, e caracterizando uma tensão entre a medicina erudita e a popular. O mesmo acredita que a resistência na procura pelas benzedeadas reside no sentimento de vazio existencial, que apesar do êxito do progresso científico, que os procedimentos exclusivamente técnicos propõem não responde a questões mais subjetivas do homem.

Anéas e Ayres (2011) abordam o cuidado em saúde coletiva. O texto apresenta práticas e estudos que refletem dois modos, aparentemente antagônicos de conceber o cuidado, ora baseado na instrumentalidade com ênfase nos procedimentos e nas intervenções técnicas, ora com foco na relação de encontro com o outro entre profissionais e usuários dos serviços de saúde. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, os autores procuram fazer uma articulação dos dois modos de cuidado, por meio da ontologia fundamental de Heidegger.

No texto Anéas e Ayres (2011) afirmam que as práticas de saúde, em nossos dias, estão divididas em tecnologias leves e tecnologias duras. As tecnologias leves valorizam o aspecto relacional e as tecnologias duras utilizam apenas o uso das ferramentas, levando ao empobrecimento do aspecto relacional do cuidado com o ser humano. Esse se reduz apenas à aplicação de procedimentos. O cuidado humano é essencialmente um ato relacional, parte de uma interação entre duas pessoas, onde a técnica deveria ser o aparato complementar desta relação.

Os autores concebem cuidados, a partir da obra de Heidegger, que traz uma proposta radical de reconstrução das tradicionais concepções de homem, mundo e verdade.

Heidegger, com sua nova filosofia e superação da tradição, traz uma nova possibilidade de, por meio da compreensão, da existência e do mundo, repensarmos, em seu desdobramento, as práticas em saúde e a questão do cuidado em saúde em seu sentido fundamental. Resgatar o sentido do cuidado em saúde possibilita visitar a direção que tal questão tem tomado no cotidiano das práticas. (Anéas e Ayres, 2011, p.04)

Dias (2012), em sua dissertação de mestrado, desenvolveu a pesquisa junto às benzedeadoras que vivem em diferentes localidades do bairro Lagoa da Conceição, em Florianópolis. É um trabalho qualitativo etnográfico sobre benzedeaduras praticadas por benzedeadoras na Barra da Lagoa, em Florianópolis. O objeto da pesquisa é o “gênero de fala cantada” das benzedeaduras, utilizando os pressupostos teóricos de Bakhtin (1986). Para este autor, os gêneros de fala seriam formados pelo seu conteúdo temático, pelo estilo verbal e por sua construção composicional, elementos estes que compõem o todo do enunciado. A metodologia utilizada foi a análise dos gêneros da fala.

A autora leva em consideração o “rito oral encantatório, onde as palavras são investidas de poder, de conjuro, as benzedeaduras revelam o seu lado mágico” (Dias, 2012). Busca em Mauss e Hubert explicar a magia, enquanto exercício de técnica individual de representações coletivas. Trabalha ainda o conceito de oralidade, enquanto “caráter social” da voz (Oliveira, 1979).

Em suas considerações a autora conclui que é exatamente esse fenômeno humano da oração da benzedeadora que leva o ser humano a uma sensação de encantamento. Pois é por meio do poder das palavras, das orações realizadas pela benzedeadora, que o fiel encontra a cura que busca. A recitação das orações embala, eleva quase ao estado meditativo.

Horochovski (2012), versa sobre a permanência da benzedeadura praticada por velhas benzedeadoras residentes no litoral do Estado do Paraná. Por meio da história oral, quatro mulheres discorreram sobre suas vidas e seus ofícios, permitindo pensar tanto sobre o benzimento quanto sobre a velhice na atualidade. Elas acreditam que receberam um “dom divino” e dedicam boa parte de seu tempo e energia para curar doenças, males do corpo e da alma. Por meio de suas vozes, os pesquisadores encontraram a possibilidade de registrar uma atividade, que faz parte da cultura imaterial e que pode desaparecer em muitos lugares. Ademais, o modo de vida dessas mulheres reforça a afirmação de que a velhice, no século XXI, abrange múltiplas práticas e expressões.

A metodologia da pesquisa é a história oral, enquanto possibilidade de resgate de um patrimônio ou de uma cultura. Na pesquisa, 04 benzedeadoras relataram sua vida e seu ofício. O autor concluiu, que, em suas histórias, “o social e o individual estão entrelaçados”, permitindo “a reconstrução do passado”.

### **3- Síntese dos resultados**

A organização das pesquisas já realizadas a cerca do tema permitiram mapear e organizar as idéias e apontar os caminhos a serem trilhados quanto às questões metodológicas.

As pesquisas dividiram-se em bibliográficas e em pesquisas de campo e vão desde a iniciação científica a teses de doutorado. Em sua maioria apresentaram uma abordagem qualitativa e variam da antropologia, história, psicologia e medicina. Um aspecto em comum é que todas abordaram as práticas de cuidado humano. Tomamos como recorte histórico as pesquisas realizadas a partir de 2004 onde as mesmas se iniciam com uma reflexão sobre a crise de sentido e as limitações em atender as necessidades do cuidado humano sugerindo uma mudança de postura na relação terapeuta e cliente. Ainda em 2004 na mesma linha surgem novos trabalhos relacionando o cuidado com a saúde e a espiritualidade. Nesta linha encontramos trabalhos na área da psicologia e espiritualidade, que foram de grande contribuição para esta pesquisa.

Os trabalhos específicos sobre benzedoras ou benzeção apontaram para a relação entre as práticas das benzedoras, para o registro das benzedoras e ressignificação da benzeção, a análise da oração, recitada pela benzedora, enquanto, ato a fala e a permanência da prática da benzeção. O trabalho sobre a aceitação de práticas não convencionais de cuidado pelos estudantes de medicina chamou a atenção o fato da benzeção está entre as práticas elencadas e principalmente pela abertura revelada pelos participantes em conhecer outras práticas além daquelas de sua área de domínio. Esta pesquisa deu relevante contribuição, pois, mostrou que houve uma mudança de olhar sobre a benzeção pela área da saúde.

### **4- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos, por meio dos artigos estudados, compreender que as benzedoras, a benzeção e a benzedura, apresentam um vasto campo de pesquisa, que se entrelaçam e se interligam, com diversas áreas do conhecimento, podendo contribuir com a antropologia, a história, a psicologia e a medicina e a religião dentre outras. Entretanto nosso interesse maior é na abordagem existencial, na área da saúde e nas contribuições terapêuticas da benzeção em sua relação com a ontologia das práticas de cuidado. Por meio das pesquisas, pôde-se mostrar que as preocupações vão além do cuidado meramente físico, sendo necessário considerar a

integralidade do ser humano. A reflexão acerca da bioética do cuidado nos conduz a uma relação entre a ética e os modos de cuidado com ênfase na valorização das relações interpessoais. Os estudos realizados demonstram a abertura que vem sendo realizada, a partir da própria população, e, que apontam para novos horizontes a serem pesquisados e provavelmente a novas contribuições advindas destas pesquisas. Espera-se que o levantamento realizado, no estado da arte, possa apontar não apenas os caminhos trilhados até agora, mas também a necessidade de resgatar aspectos de nossa história e tradição, que possam contribuir não só para a saúde da população como para um mundo em que a técnica possa coexistir com o humano, numa mudança de paradigma da valorização do modo de cuidado estritamente técnico e científico para um modo de cuidado onde a ciência, a técnica e a tradição possam interagir e dialogar no intuito de proporcionar uma humanização do cuidado.

## REFERÊNCIAS

- Anéas, T. de V. Ayres, J. R. C. de M. (2011, Julho/Setembro). *Significado e sentido das práticas de saúde: a ontologia fundamental e reconstrução do cuidado em saúde. Interface – Comunicação, Saúde, Educação. 15 (38)*, Botucatu, SP.
- Ayres, J. R. C. de M. (2004). *O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. Revista Saúde Pública e Sociedade. 13*.
- Dias, L. G. (2012). *Benzeduras e benzedoiras da barra da lagoa– Florianópolis/Sc.* (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Filho, V. P. D. Sá, F. C. de. (2007, Abril/Junho). *Ensino Médico e espiritualidade. Revista o mundo da saúde* (n.º 31), pp. 273-279.
- Horochovski, M. T. H. (2012, Julho/Dezembro). *Velhas Benzedoiras. Revista - Mediações, 17(2)*, pp. 126-140. Londrina.
- Jacques, M. das G. C. (2003, Janeiro/Junho). *Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental e trabalho. Revista Psicologia e Sociedade. 15 (1)*, Porto Alegre, SC.
- 13º Congresso Brasileiro De Conselhos De Enfermagem, 2010, “Ramos Que Curam: O trabalho das benzedoiras no processo de promoção à saúde, na região do Seridó – RN”  
SILVA, K. D. da.
- Kovács, M. J. (2007, Abril/Junho). *Espiritualidade e psicologia - cuidados compartilhados. Revista o mundo da saúde 31*, pp. 246-255.
- Külkamp, I. C. Burin, G. D. Souza, M. H. M. Silva, P. da. Piovezan A. P. (2007, Setembro /Dezembro) *Aceitação de práticas não-convencionais em saúde por estudantes de medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina. Revista brasileira de educação médica. 31 (3)*, Rio de Janeiro.
- Paiva, J. G. (2005, Julho) *Psicologia e espiritualidade. Revista Magis - Cadernos De Fé E Cultura (47)*.
- Romanowski, J. P. Ens, R. T. (2006, Setembro/Dezembro) *As pesquisas denominadas do tipo estado da arte. Revista Diálogo Educacional. 6 (19)* Curitiba, PR.

Santos, E. C. Koller, S. H. Pereira, M. T. L. N. (2004). *Religião saúde e cura: um estudo entre neopentecostais*. *Revista Ciência e Profissão*, pp. 82-91.

Savioli, R. M. (2007, Abril/Junho). *Oração e cura – fato ou fantasia?* *Revista o mundo da saúde* 31. pp. 281-289.

Santos, F.V. (2007). *O caso das rezadeiras evangélicas: uma breve reflexão sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre as rezadeiras de cruzeta (RN)*. *Revista da Escola Superior de teologia* no.

Silva, V. A. G. (2009). *Benzedeiras de Curitiba: tradição ou modernidade?* *XXV Simpósio Nacional de História da Anpuh*.

Titanegro, G. R. (2007, Abril/Junho). *O tempo da espiritualidade*. *Revista o mundo da saúde* 31. pp.167-178.

Zoboli, E. L. S. P. Pegoraro, P. B. B. (2007, Abril/Junho) *Bioética e Cuidado: o desafio espiritual*. *O tempo da espiritualidade*. *Revista o mundo da saúde* 31. pp. 214-223.

## Artigo II

### HISTÓRIA E HISTORICIDADE DAS BENZEDEIRAS

#### RESUMO

Este artigo discute a história e historicidade da benzeção. São tomados como base os pressupostos oriundos do pensamento de Heidegger para a compreensão de história e historicidade. O objetivo geral desta pesquisa é compreender o tratamento com benzedadeiras enquanto modo de cuidado. Teve como objetivos específicos: descrever as práticas curativas das benzedadeiras; compreender a prática da benzeção enquanto modo de cuidado e estudar a permanência desta prática na modernidade técnica. Pesquisa de natureza qualitativa numa perspectiva fenomenológica existencial e os instrumentos a narrativa, na ótica de Walter Benjamin e o diário de campo da pesquisadora. Embora o significado seja variado, a benzeção se apresenta como uma terapêutica popular de cura, realizada com orações e com ervas, com rituais, que vêm desde a Idade Média. As benzedadeiras compreendem sua prática como uma missão, um sacerdócio, algo que vai além do que é realizado apenas profissionalmente. Portanto, a benzedeira carrega em si a missão de bênção. A relação da mulher com o saber e o cuidar é realizada a partir das pesquisas de Mary Del Priore e Michelle Perrot. É discutida ainda a presença da benzeção em terras brasileiras, assim como a relação desta com a espiritualidade e com as religiões católicas e de matriz africana. A benzeção e o cuidado na modernidade técnica são estudados utilizando como referência Gadamer. Ele nos diz que a técnica é um conceito grego que significa a forma própria de um saber teórico e traz sua aplicação para a medicina, através da diferenciação entre o saber técnico científico do médico e o saber popular do curandeiro. A benzeção é uma tradição na prática do cuidado. Gadamer considera a tradição como sendo, assim o pré-conceito, parte de um pano de fundo para o nosso engajamento no mundo. Nas considerações finais vemos que a benzeção está intimamente ligada a história das mulheres e que apesar de toda tecnologia ela permanece ressignificada na cadeia da tradição. E sua permanência assim como o interesse contemporâneo por essa prática nos mostra que a ciência e a modernidade que lhes acompanham não são suficientes para nos assegurarem quanto à nossa condição de ser-no-mundo.

**Palavras chave:** tradição, benzeção, historia e historicidade.

## HISTORY AND HISTORICITY OF BENZEDEIRAS

### Abstract

This article discusses history and historicity of the benzeção. It was taken as base the theoretical presuppositions of Heidegger for the understanding of history and historicity. The objective of this research is to understand the treatment quacks while carefully so. Its specific objectives: to describe the healing practices of traditional healers; understand the practice of benzeção while carefully so study and the permanence of this practice in technical modernity. Search qualitative an existential phenomenological perspective and the instruments to narrative, from the viewpoint of Walter Benjamin and the researcher's field diary. Although the meaning is varied, the benzeção comes as a popular therapeutics of cure, accomplished with prayers and with herbs that come from the Medium Age. The benzedeiros understand his/her practice as a mission, a priesthood, something that goes in addition is just accomplished professionally Therefore the benzedeira carries with itself the mission of blessing. The woman's relationship with the knowledge and taking care is accomplished starting from Mary's researches Del Priore and Michelle Perrot. It is still discussed the presence of the benzeção in Brazilian lands as well as the relationship of this with the spirituality and with the Catholic religions and of African head office. The benzeção and the care in the modernity technique are studied using as reference Gadamer. He tells us that the technique is a Greek concept that means the own form of a theoretical knowledge and he brings his application for the medicine through the differentiation among the technical knowledge inform of the doctor and of the healer's popular knowledge. The benzeção is a tradition in the practice of the care. Gadamer considers the tradition as being a preconception, part of a wallpaper for our engagement in the world. In the final considerations we see that benzeção is closely linked to the history of women and that despite all the technology it remains resignified in the chain of tradition. And his stay as well as the contemporary interest in this practice shows us that science and modernity that accompany them are not sufficient to ensure us about our condition of being in the world.

**Key words:** Tradition, benzeção, history and historicity.

## 1- O dom e o ofício da benzeção

O termo ofício aqui é compreendido por missão, sacerdócio, algo que vai além do que é realizado apenas profissionalmente. Portanto quando nos referimos que a benzeadeira exerce o ofício da benzeção, estamos dizendo que ela leva consigo uma missão. Esta missão estabelece a relação entre a benzeadeira e a pessoa que busca a benzeção. O dom é obtido através de uma experiência mística (Quintana, 1999) que confere à benzeadeira poder e força espiritual e como consequência o compromisso de não negar atendimento a todos que buscam a benzeção.

O termo benzeção vem de bênção, de abençoar, portanto, benzer pode significar abençoar, proteger e cuidar. Embora o significado seja variado, a benzeção se apresenta como uma terapêutica popular de cura, realizada com orações e com ervas que vêm desde a Idade Média. É caracterizada como uma atividade terapêutica de cura, que se realiza por meio de uma relação, entre a benzeadeira e quem a procura por meio da relação com o sagrado, onde o principal instrumento ou elo é a oração realizada pela benzeadeira.

A benzeção é um ritual religioso cheio de simbolismo. Este simbolismo possui uma eficácia no alívio dos sintomas das pessoas que a procuram. Culturalmente, o símbolo possui um poder e esse poder oferece diversas respostas aos vários questionamentos dos indivíduos, de acordo com a cultura a que pertencem. Entretanto, Quintana comenta que:

O símbolo não pode existir num indivíduo isolado, pois requer uma convenção social que o homologue. Desta forma, esse símbolo sempre vai estar articulado num sistema inteligível. Não é qualquer símbolo que pode produzir efeitos: somente aqueles aceitos pelo grupo cultural ao qual pertence o doente é que terão essa capacidade. Desse modo, o símbolo sempre vai estar integrado num sistema de crenças. (1999, p. 48)

Os símbolos possuem significado no grupo cultural a que pertencem. Apesar de todo simbolismo apresentado na benzeção, nesta pesquisa não foram encontrados grupos organizados que caracterizassem uma instituição em torno do ritual da benzeção ou das benzeadeiras. As benzeadeiras, que participaram deste trabalho de pesquisa, realizam sua prática de forma individual. Entretanto, podemos nos referir aos aspectos culturais, já que benzeção é uma prática encontrada em várias culturas.

O ritual da benzeção apresenta intensa consistência histórica, pois vem perpassando séculos com a mesma rusticidade, ou seja, sem que acrescente nenhum aparato tecnológico, mesmo com o advento da modernidade. Ele continua sendo praticado e transmitido da mesma maneira como há séculos atrás.

No Brasil, há registro da benzeção, deste o período colonial, sobretudo, em comunidades que apresentavam carência de médicos. O cuidado com as doenças, sobretudo as femininas, era realizado sob a forma de colaboração entre as mulheres, como registra Priore (1997, p. 89) “não contava com médicos e por isso muitas vezes, a população buscava nas benzedoras, rezadeiras e raizeiras um alento para as doenças”. Neste contexto, a doença era compreendida como desordem do corpo ou como algo demoníaco, onde o papel da benzedora era o alívio dos sintomas por meio das rezas, orações e remédios, feitos de forma rudimentar, utilizando ervas. Com a dificuldade de acesso aos boticões e aos medicamentos, as pessoas recorriam às ervas e aos unguentos preparados com óleos, tanto minerais quanto animais.

## **2- Relação da mulher com o saber e o cuidar: uma leitura a partir de Mary Del Priore e Michelle Perrot**

As mulheres possuem uma tradição na arte de cuidar, um saber informal na utilização de ervas e plantas na medicalização popular. Este saber lidar com ervas, rezas e orações ainda hoje é transmitido oralmente de mãe para filha, sendo este um dos fatores, que podem ser responsáveis pela permanência da prática da benzeção.

O cuidado com o corpo feminino durante a história foi objeto de todo tipo de credices, superstições e até demonização. Tudo isso levou a uma construção histórica própria e quase exclusiva das mulheres nas mais variadas práticas de cuidado, incluindo-se a benzeção.

Os aspectos históricos da relação da mulher com o saber são apresentados a partir dos estudos de Mary Del Priore (1997) e Michelle Perrot (2007), que mostram que esta relação da mulher com o cuidado iniciou-se entre elas mesmas, e, posteriormente, estendendo-se também a outros membros de sua comunidade. Estas características do cuidado feminino vêm desde a Idade Média chegando até nós no período do Brasil colônia. Em um período onde a figura feminina era demonizada e onde o saber era restrito a poucos, e, ainda, onde qualquer ritual ou comportamento que ferisse os modos de agir ou os dogmas cristãos era

visto como heresia, rituais pagãos ou feitiçaria, não se podia esperar algo diferente com os rituais de cura praticados principalmente pelas mulheres.

É, neste cenário de muito misticismo, pouco conhecimento científico sobre doenças e sobre os cuidados com o corpo feminino, onde, as enfermidades eram tidas como sinal da quantidade de pecados cometidos pelo doente, sendo, portanto, a doença considerada uma advertência divina que já tem registro do ofício ou a arte da benzedura e a figura da benzedeira.

No Brasil Colônia, em um cenário onde a escassez de médicos, de boticas e também de conhecimento se misturava ao discurso da Igreja Católica, tudo era pecado, nos diz Priore.

Nos séculos XVI e XVII, os Jesuítas, o Tribunal do Santo Ofício e a Coroa uniram-se contra qualquer nova iniciativa científica ou cultural considerando-as toda pura heresia. Tal reação levou as universidades e os colégios a uma dura fase de estagnação... O Ensino Oficial carente de profissionais e boticas e boticários, Portugal naufragava em obscurantismo, e levava a colônia junto. Os discursos dos médicos inscreviam-se no discurso da Igreja, dentro do qual doença e cura estavam relacionadas ao maior e menor número de pecados cometidos pelo doente (1997. P. 80).

Estas ideias representavam o atraso da medicina, favorecendo crenças e reforçando, assim, a sobrevivência de costumes e tradições, sobretudo no que se refere aos cuidados com as mulheres. Logo, desprovidas de recursos, elas recorriam umas às outras no combate às doenças, principalmente, as doenças do corpo feminino, e conseqüentemente, aquelas que realizavam estas práticas tornavam-se passíveis de sofrer as punições da época, como nos diz Priore:

Desprovidas dos recursos da medicina, as mulheres recorriam a curas informais, penetrando assim numa subversão: em vez dos médicos, eram elas que, por meio de fórmulas gestuais e orais, ancestrais, resgatavam a saúde. A concepção da doença como fruto da ação sobrenatural e a visão mágica do corpo as introduzia numa imensa constelação de saberes sobre a utilização de plantas, minerais e animais, com os quais fabricavam remédios que serviam aos cuidados terapêuticos que administravam (1997, p.89).

Esse cuidado que as mulheres ofereciam umas às outras, de uma forma desconhecida pela ciência médica e principalmente pela Igreja, ofendia à racionalidade científica e à fé cristã, motivo pelo qual muitas mulheres foram acusadas de práticas heréticas e pagãs, conforme nos afirma Perrot:

De que são acusadas, afinal? De muitas coisas, misturadas. Em primeiro lugar, elas ofendem a razão e a medicina moderna, por suas práticas mágicas. Têm a pretensão de curar os corpos, não somente com ervas, mas com elixires elaborados por elas e com fórmulas esotéricas (2007, p.89).

### 3- História e historicidade

Historicidade aqui será compreendida a partir da perspectiva de Heidegger. Heidegger reserva *Historie* ao estudo ou narração de eventos passados, a “historiografia” ou historiologia. Em última análise, estas palavras derivam de *geschehen*, palavra que designa “acontecer” ou “ocorrer”... O *Dasein* acontece. O *Dasein* se estende do nascimento até à morte, “movimento específico ao logo do qual o *Dasein* é estendido, e se estende ele mesmo, chamamos de historização” (Heidegger, 2012, p.370s.).

*Dasein* (ser-aí) é existência, ou seja, é a dimensão fundamental do homem. E se esse homem é um ser-no-mundo, ele não pode ser um ser isolado. Portanto ele é um ser-com-outras. O ser-no-mundo manifesta-se num assumir o cuidado das coisas e com os outros, por isso, o ser-no-mundo é cuidado.

*Historie* é o estudo sistemático dos acontecimentos passados. *Geschichte* refere-se à história que acontece. O adjetivo *historisch* é igual aos acontecimentos passados e *Geschichtlich e Geschichtlichkeit* (historicidade), que pertence ao que acontece.

De acordo com Heidegger, a historiografia esforça-se para alienar o *Dasein* de sua historicidade autêntica. Não poderia haver história em ambos os sentidos, se o *Dasein* não fosse histórico. Não poderia haver *Historie*, se não houvesse *Geschichte* (Historia do mundo), que por sua vez depende de *Geschichtlichkeit* (historicidade). Ou seja, não poderia haver acontecimentos passados (*historie*) se não houvesse uma história que acontece.

A historicidade do *Dasein* depende de seu acontecimento ou “historização”, o modo peculiar pelo qual ele se estende entre o seu nascimento e sua morte (Heidegger, 2012).

A historicidade das benzedeadas está em seu modo de existir, na sua historicidade de benzedeadas, no desempenho do ofício da benzeção, que realizou durante toda sua vida, que lhe deu identidade, que a diferenciou de outros seres. No decorrer da pesquisa, convivemos com duas benzedeadas que faleceram, antes do término do nosso trabalho. Uma com 114 anos, que pelo desempenho e reconhecimento de seu trabalho, na sua comunidade e

em comunidades vizinhas, recebeu o título de patrimônio vivo Estadual. Este título foi conferido pelo Governo do Estado de Alagoas, através da Secretaria da Cultura. Por ocasião de sua morte, foi notícia em todos os veículos de comunicação do Estado, não simplesmente por sua idade, mas por sua história de vida e sua missão. Ela desempenhou seu ofício até poucos dias antes de sua morte. A outra benzedeira, que faleceu aos 75 anos, igualmente, desempenhou seu ofício até o final de sua vida.

Eram, igualmente, reconhecidas e referências em sua comunidade pelo exercício da benzeção. Ambas eram respeitadas pela tradição como exemplo vivo. Esta tradição se estende para o futuro, pois cada uma delas já deixam filhos que dão continuidade ao ofício da benzeção. Assim como receberam o ofício dos pais, os avós passaram este mesmo ofício a filhos e netos. Outra benzedeira, residente em um bairro considerado de classe média alta, é procurada por médicos e advogados e entre outros profissionais, também possui uma neta com formação superior, que deseja dar continuidade ao ofício da benzeção e já está sendo iniciada na prática.

O *Dasein* “é o seu passado” (Heidegger, 2012, p.385), mas o próprio passado do *Dasein* significa o passado de sua geração. *Dasein* não é, portanto, simplesmente o seu “próprio” passado, mas o passado de sua comunidade, tanto antes quanto depois do seu nascimento. Seu acontecimento entremeia-se com o acontecimento de *Dasein* passado. Ele “cresceu dentro de e em uma interpretação de *Dasein* herdada”, em função da qual ele compreende a si mesmo e às suas possibilidades (Heidegger, 2012).

A historicidade do *Dasein* lhe dá acesso ao passado histórico, fornecendo assim base para a historiografia. A obra do historiador está iniciada e guiada não primordialmente pelas ruínas e documentos, mas por uma concepção prévia da história, assim como pela natureza da própria historicidade do historiador. A partir desta concepção de historicidade em Heidegger, foi mais fácil compreender a permanência das benzedeadas, mesmo com título universitário.

O homem é um ser-no-mundo e um ser-com-os-outros, como já comentamos anteriormente. Não pode perder a consciência de ser, pois corre o risco de se coisificar. Se considerarmos que o Ser é ser com os outros, sua existência só adquiriu significado, em um sentido ôntico como construção social pertencente a um sistema de representações, crenças e símbolos culturais. Também estão inseridas neste contexto as doenças, assim como as

terapêuticas de cura. Logo, as terapêuticas, sobretudo, aquelas consideradas de cunho popular, carregam consigo as marcas desta mesma construção social e não podem ser vistas, a não ser no coletivo. Segundo Augé (1986), cada grupo social faz determinados recortes, através dos quais constrói e reconstrói suas representações, tanto de doença quanto de cura. As representações, crenças e símbolos culturais não existem fora de um grupo social, pois é este grupo que as legitima, repassando de geração a geração, dentro de um contexto de tradição, levando a produzir nos membros do grupo o efeito esperado.

No Estado de Alagoas, elas estão espalhadas em várias cidades, da capital ao interior, realizando o ritual da benzeção, da mesma forma que há décadas vêm fazendo, sem nenhuma inovação ou utilização de recursos tecnológicos.

As palavras mágicas, rezas, terços, santos e a sabedoria ancestral das benzedoras mantêm viva uma tradição, que recebemos dos antigos colonizadores europeus e africanos. Os elementos utilizados em suas práticas fazem parte de um rico território de saberes e simbologias construídas ao seu entorno, onde as ervas e os ramos verdes fazem parte do dia-a-dia, sendo cultivados em suas hortas ou quintais de casa. O ritual da benzeção é realizado neste ambiente de saberes domésticos e ricos em significados. Da horta de casa saem os legumes e as frutas para alimentar o corpo e as ervas para cuidar da alma. De acordo com Priore, as mulheres detinham o poder sobre as ervas:

As mulheres e suas doenças moviam-se num território de saberes transmitidos oralmente, e o mundo vegetal estava cheio de signos das práticas que as ligavam ao quintal, à horta, às plantas. Cheiro do alecrim era considerado antídoto contra os raios; seus ramos tinham o poder contra feitiços. As ervas apanhadas dias de quinta-feira de Ascensão tinham a virtude contra sezões, febres e bruxedos..... No quintal, além de colherem ervas para curas e práticas mágicas, as mulheres jogavam as águas.... Além de constituírem espaço da economia familiar, lugar de plantio de subsistência, da criação doméstica e da cozinha, o quintal era o território prestigiado da cultura feminina, feita de empirismo, oralidade e memória gestual (1997, p.94 e 95).

De acordo com o discurso dos missionários, a Igreja Católica transforma práticas xamanísticas e pagãs em práticas católicas, onde os mesmos elementos, entre eles a água e as ervas, tomam novas configurações e sentidos idênticos. Tais aspectos servem apenas para reforçar a ligação muito próxima de algumas práticas religiosas. Em relação a isso, Pompa afirma:

O discurso dos missionários, então, “filtra” através da oposição fundamental verdade/mentira uma série de práticas que acabam passando da jurisdição xamanística à católica, permanecendo fundamentalmente as mesmas: a confissão (que passa do mato ao padre), a cura (das cantigas pagãs ao batismo e às rezas católicas), o afastamento do “diabo” (das cinzas à água benta) o culto à “divindade”(2003,p. 398).

Nas religiões indígenas e africanas, a prática da benzeção faz parte da tradição, é um rito oficial. Esta prática é bem aceita e respeitada por todos os membros destes grupos. Já no catolicismo, o ritual das benzedeadas não faz parte do rito oficial, é considerado integrante da chamada religiosidade popular. Muito embora a maioria das benzedeadas se identifique como pertencentes à religião católica e utilizem em suas práticas elementos ligados a essa religião, como terços que fazem parte da devoção a Nossa Senhora, a água utilizada em rituais de purificação e no batismo, além das mais variadas orações conhecidas como parte desta religião.

A religiosidade é um aspecto forte e marcante na vida das benzedeadas. Vivenciam esta religiosidade não apenas através da prática da benzeção, mas também nas atividades em suas comunidades. A religiosidade e a espiritualidade são vivenciadas de várias formas, seja com a prática de novenas aos santos dos quais são devotas, seja frequentando regularmente às missas ou os cultos das religiões a que pertencem ou ainda em atividades de caridade. Também não atribuem valor ou preço às “curas” ou atos de benzeção que realizam. O termo cura vem do latim e tem o sentido de cuidado, atenção, zelo. O verbo *curo, curare*, tem o significado de cuidar de, olhar por, dar atenção, tratar. Assim, a cura, através da benzeção, pode significar cuidar através da benzeção. As novenas aos santos é um tipo de devoção muito comum entre os nordestinos, uma forma popular de viver sua religiosidade. Por acreditarem se tratar de um “Dom” divino, não podem cobrar pelas curas, pois, “aquilo que é recebido de graça, de graça também deve ser distribuído”, como comentam as próprias benzedeadas. “É a fé que cura”, portanto, é necessário ter fé, tanto por parte da benzedeadas, quanto daquele que a procura. Seu ofício é entendido como um serviço ou atendimento a alguém que está necessitando de ajuda ou apoio.

Em geral, a benzedeadas possui vínculos e estabelece relações com a sua comunidade, além de uma proximidade sociocultural com aqueles que as procuram, o que gera confiança e credibilidade entre eles. Muitas vezes, pela confiança e credibilidade que transmitem, se tornam conhecidas além dos limites de sua própria comunidade, o que leva a

benzedeira a ser procurada por pessoas de outras comunidades e até mesmo de outros municípios.

O estabelecimento de vínculos oferece um ambiente favorável e de confiança, onde a escuta, o toque, a atenção e o cuidado individualizados, fornecem ao indivíduo fortalecimento emocional, possibilitando a construção de sentido, favorecendo o alívio dos sintomas e conseqüentemente a cura. Estas características fazem parte do tratamento e do cuidado da benzedeira com todos aqueles que a procuram.

De acordo com Boff (1999, p.11), vivemos num novo habitat, criado pelo mundo virtual, caracterizado pelo encapsulamento sobre si e pela falta do toque, do tato e do contato humano, desumanizando o homem, que cada vez mais carece de cuidado. O autor comenta, recorrendo a Heidegger, que a essência humana encontra-se no cuidado. Para ele no cuidado identificamos princípios, valores e as atitudes que fazem o bem-viver e as ações do reto agir.

Atualmente, algumas mulheres preservam a tradição de benzimento, embora o maior dos problemas seja encontrar pessoas interessadas em dar continuidade a esta arte. Apesar de o benzimento ser um legado rural, católico, nas metrópoles, ele acabou sendo diluído entre outras religiões; no entanto, o objetivo continua sendo o mesmo: auxiliar nas dificuldades espirituais e físicas.

#### **4- Benzeção: uma tradição de cuidado na modernidade técnica**

##### **4.1- O que é a modernidade técnica?**

O eixo principal da sociedade moderna é a ciência e a técnica, que teve como consequência uma série de modificações em todos os aspectos da vida em sociedade. Na contemporaneidade, os avanços foram tão significativos que, de acordo com Brüseke, passou a ser denominada de modernidade técnica:

A técnica está presente e modificou todas as áreas da vida contemporânea de uma maneira que nossa época pode ser denominada sem problemas: modernidade técnica. Este conceito não desvaloriza sumariamente as concepções político-culturais da modernidade, mas relega-as àquilo que sempre foram: projeções de uma esperança, derivada da história europeia real, que queria realizar a “razão” na história universal. De fato, o projeto

inacabado do iluminismo tornou-se o torso das lutas culturais da Europa ocidental e central; lutas tanto contra tradições internas como externas. No entanto, a modernidade tinha e tem também outras possibilidades do que acelerar tecnicamente a idéia da emancipação. (2012, p.07)

Gadamer nos diz que técnica é um conceito grego que significa a forma própria de um saber teórico e traz sua aplicação para a medicina através da diferenciação entre o saber técnico científico do médico e do saber popular do curandeiro. Neste caso específico, a atuação do médico é a aplicação prática de um saber teórico. Este saber o habilita a ser-capaz-de-fazer:

O conceito de “techne” é uma criação peculiar da mente grega, do espírito da história, da livre prospecção pensante em relação às coisas do logos da justificação de motivos para tudo que se considera como verdadeiro. Com esse conceito e sua aplicação à medicina aparece uma primeira decisão em favor daquilo que caracteriza a civilização ocidental. O médico não é mais a figura do curandeiro de outras culturas, revestido pelo segredo de forças mágicas. Ele se tornou o homem da ciência (2011, p.40).

O mesmo autor comenta que a ciência faculta para si o poder de fundamentar a vida social e de romper com o tabu da inquestionável autoridade da tradição. A ciência procura diferenciar o saber geral que outrora vinha de uma herança antiga por meio da tradição, de seu próprio saber. A partir desta reflexão de Gadamer, podemos constatar uma grande transformação:

Assim se esclarece, a partir do encerramento da técnica plena, aquilo que desde o princípio foi o verdadeiro sentimento humano de “práxis”. Ele caracteriza pela possibilidade do comportamento humano que nós designamos de “teórico”. Essa possibilidade pertence à constituição básica da práxis humana, a qual sempre formou a ideia que o poder e o saber humanos não são adquiridos somente através do aprendizado e da experiência- trata-se da emancipação dos meios para tornarem-se instrumento, o que potencializa a capacidade de aprendizagem humana e transmite seu ser-capaz-de-fazer através das gerações..... É claro que a simples relação entre o saber e o fazer, há um problema de integração. Pelo menos desde que há a divisão do trabalho, o saber humano de tal maneira que assume o caráter da especialização, a qual tem que ser aprendida expressamente. Com isso a práxis se torna um problema: um saber, que pode ser transmitido independente da situação da ação e, assim, passível de ser segregado do contexto prático da ação deve ser aplicado em cada situação humana. Então, o saber prático geral humano, o qual intervém de forma determinante nas decisões práticas dos seres humanos, não é separável dos conhecimentos intermediados pelo saber especializado. (2011, p.23 - 24).

As benzedeiras representam uma categoria de mulheres das camadas populares, detentoras de um saber popular específico no campo da saúde, que vem durante o tempo

sobrevivendo ao conhecimento técnico e científico. De acordo com Priore, é um saber que permite a sobrevivência de tradições femininas.

Esse saber informal, transmitido de mãe para filha, era necessário para a sobrevivência dos costumes e das tradições femininas. Conjurando os espíritos, curandeiras e benzedeadas, com suas palavras e ervas mágicas, suas orações e adivinhações para afastar entidades malévolas (1997, p.81).

Este saber, que tem suas raízes no campo religioso, por meio da crença no sagrado, está inserido no campo da religiosidade popular. De acordo com Souza (1987), Brandão (1985) e Vainfas (1985), o catolicismo não oficial no Brasil tem suas raízes ainda em Portugal, que traz de suas terras um catolicismo com fortes traços de paganismo. Os autores consideram, a partir de suas análises, que assim se sistematizou a religiosidade popular, principalmente do catolicismo não oficial, que é de onde se originam as benzedeadas.

É um tipo de saber que continua atuando em um contexto social de modernidade, onde os fenômenos religiosos não são tão valorizados, mas, ao mesmo tempo, representa para o ser humano uma espécie de retorno ao sagrado e às tradições, que, de fato, nunca foram apagadas, num movimento de busca ao autoentendimento e que fazem parte da história de cada povo.

Os indivíduos são enraizados e incrustados num ambiente cultural específico, dentro do qual os movimentos em direção ao autoentendimento sempre devem ser reconciliados. Este ambiente específico Gadamer chama de tradição (Lawn, 2006, p.91).

Neste contexto, a busca de tratamento com benzedeadas, enquanto modo de cuidado, num ambiente onde a medicina é dominada pela modernidade e pela técnica conduz o ser humano a uma reconciliação com o passado e com as antigas tradições do modo de cuidar, sem, no entanto, se desligar ou abandonar os procedimentos próprios da modernidade, como a realização de procedimentos de alta complexidade, com diagnósticos cada vez mais precisos.

Gadamer considera a tradição como sendo, assim o pré-conceito, parte de um pano de fundo para o nosso engajamento no mundo (Lawn, 2006, p.91). Tradição provém do latim, *tradere*, que significa passar adiante, a palavra se refere à “atividade de transmissão, passar algo adiante de geração a geração” (Lawn 2006, p.54). No caso das benzedeadas, esta transmissão se dá pela prática da oralidade, da narrativa. Trabalhar com a metodologia da oralidade é uma possibilidade rica de resgate da memória social e bens imateriais do grupo,

além de permitir dar voz aos agentes, envolvidos, no processo, neste caso, às benzedeadas, e seus descendentes, que darão continuidade ao ofício, além daqueles que as procuram.

As benzedeadas, geralmente, narram sobre sua experiência de vida, seu ofício e seus dons para exercer tal ofício, assim como sobre seres que a procuram. Falam com muita propriedade, o que proporciona ao ouvinte certo encantamento, uma paixão que emociona. É uma emoção um tanto quanto racional, porque tem um fundamento no mundo real, na vida de seres que possuem um passado e um presente e almejam um futuro, mas, ao mesmo tempo, permite aos ouvintes a reconstrução e ressignificação das histórias. Portanto, seu relato parte de sua prática, de sua experiência de vida e dos casos daqueles que atendem. Sobre isso Walter Benjamin (1989, p.201) nos diz: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”(1989, p. 201).

Os saberes e a experiência das benzedeadas são considerados bens imateriais, que mantém viva uma tradição cultural brasileira. A permanência do saber e da prática da benzeção acontece ainda através da transmissão oral, que se dá através da narração, onde a benzedeadas naturalmente reconstrói sua trajetória de vida, incluindo como e quando começou a benzer, os meios, os instrumentos e as orações que utiliza na benzeção entre outras histórias ligadas ao ofício. Na narração, as histórias reconstruídas ganham um novo significado e adquirem outra possibilidade de sobrevivência da tradição, pois a reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração a geração. Para Benjamin, a naturalidade do narrador poderá fazer surgir os efeitos necessários ao ouvinte para recontar a narração, possibilitando manter viva aquela tradição:

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia (1989, p. 204).

Merece também ser ressaltada a importância do ouvinte. Uma das queixas das benzedeadas é a falta de disposição, sobretudo, dos mais jovens em ouvir. O ouvinte é fundamental na manutenção de uma tradição como a benzeção que é transmitida apenas pela prática da oralidade. Se não há ouvintes, a possibilidade de sobrevivência torna-se cada dia menor. Não basta apenas a procura pela benzeção, é necessário que se saiba ouvir e se tenha interesse em dar continuidade à tradição. Sobre a importância do dom de ouvir a narração, Benjamin (1989) nos diz:

que ouvir é um dom... Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las (1989, p. 205).

Quando uma benzedeira deixa de exercer seu ofício não é por falta de interesse, geralmente, isso acontece pelo impedimento físico/biológico ligado ao seu estado de saúde ou à sua idade avançada. O sentido da missão faz com que não se inicie e se pare no ofício da benzeção quando se quer. Assim também ocorre quando param de narrar suas experiências ou simplesmente param de contar suas histórias ou ainda deixam de preparar um sucessor, estes fatos acontecem pela falta de ouvintes ou pela falta de interesse de alguém próximo em dar continuidade ao ofício da benzeção.

O cuidado atual com a saúde se situa em um campo extremamente tecnológico, com equipamentos e técnicas cada vez mais sofisticados, capazes de diagnósticos mais precisos, onde não haveria espaço para a atuação de benzedeadas. Então o que falta neste universo que faz com que ainda existam e sejam procuradas? Para Lawn (2011) questionar a autossegurança que a era moderna nos proporciona, nos conduz a reintegração de aspectos perdidos.

Gadamer procura questionar a autossegurança da era moderna e nos conduz a reintegrar aspectos daquilo que perdemos quando adotamos todas as doutrinas e crenças do iluminismo. Principalmente, o que perdemos não foi somente a harmonia, o senso do mundo não dividido pelo velho e o novo, o clássico e o antigo, o filósofo da idade média e o moderno, mas sim parte de um arranjo mais unitário, a tradição. O estabelecimento de um novo método para fundamentar o conhecimento precisa sempre se reconciliar com a força mais fundamental da tradição, através da qual toda atividade cultural é apresentada e sustentada. (2011, p. 53).

Nesta insegurança da modernidade, observamos um retorno a modos de cuidados advindos da “herança histórica” e da tradição. Segundo Gadamer (1999), a tradição possui uma “autoridade” que lhe é conferida por meio da herança histórica.

Para isso podemos nos apoiar na crítica romântica ao *Aufklärung*<sup>1</sup>. Pois existe uma forma de autoridade que foi particularmente defendida pelo romantismo: a tradição. O que é consagrado pela tradição e pela herança histórica possui uma autoridade que se tornou anônima, e nosso ser histórico e finito está determinado pelo fato de que também a autoridade do que foi transmitido, e não somente o que possui fundamentos evidentes, tem poder sobre essa base .. (1999, p. 421)

---

<sup>1</sup>*Aufklärung*- esclarecimento, iluminismo, século das luzes. Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch 1980.

Neste retorno às “tradições”, percebe-se que como antigamente, as pessoas voltam a recorrer às benzedeadas. Hoje, como antes, continuam a buscar o aparato tecnológico. Afinal, o que buscam além da cura?

Alguns aspectos valem a pena ser ressaltados: O primeiro é que não existem tantas benzedeadas quanto antigamente, a renovação ou continuidade da tradição tem acontecido com menor frequência e em menor quantidade, poucos são os casos de transmissão principalmente dentro da linha de parentesco, como já frisamos anteriormente. Em contraponto a esta ausência, a procura continua e tem aumentado para aquelas que ainda estão atuando. Segundo: da mesma forma que medicina tem se apresentado altamente tecnologizada e precisa em seus diagnósticos, também tem se desumanizado e tratado o ser humano de forma impessoal, cada vez mais fragmentado, o que o leva a buscar formas de tratamento que o devolvam ao seu próprio ser, que o tragam de volta à sua humanidade e que o vejam de forma integral.

A cura pela crença, o caráter sagrado do benzimento está na fé que possuem tanto a benzedeadas quanto o ser humano que busca a cura pela benzeção. Quando perguntam sobre sua crença em Deus, se rezam todos os dias, estão na verdade tentando levar seu cliente a reconhecer que ele possui uma força espiritual, que é sua fé, porque a benzedeadas também possui além desta força espiritual, um dom superior à sua fé, capaz de proporcionar o alívio dos sintomas. Entretanto, nos casos que a benzedeadas reconhece que as rezas não são suficientes, recomenda a busca de auxílio médico.

Sabe-se que a consciência e a força que um grupo possui podem resistir parcialmente às mudanças sociais, advindas com o avanço da ciência e da técnica, o que pode levar a preservação da tradição de um ritual. Apesar de não existirem grupos organizados que praticam a benzeção, conforme falamos anteriormente, é a permanência da prática da benzeção que confere autoridade e identidade à benzedeadas, pois benzer é o seu ofício, que, ao mesmo tempo, se ancora em uma tradição, que perpassa de geração em geração, assim como uma pertença religiosa. Por isso, querem continuar a benzer até morrer ou até quando Deus permitir. Por acreditarem no bem que fazem a outros seres humanos, encaram seu ofício como um serviço assumido por tradição, que geralmente lhe é transmitido oralmente, através de um membro da família já mais experiente no ofício, como já citado anteriormente. Sobre isso afirma Gadamer (1999):

Na realidade, a tradição é sempre um momento da liberdade da própria história. Também a tradição mais autêntica e venerável não se realiza naturalmente, em virtude da capacidade de permanência daquilo que, singularmente está aí, mas necessita ser afirmada, assumida e cultivada. A tradição é essencialmente conservação e como tal sempre está atuante nas mudanças históricas. No entanto, a conservação é um ato da razão, ainda que caracterizado pelo fato de não atrair a atenção sobre si. (1999, p.422)

## **5- Considerações finais**

A história da benzeção está intimamente ligada à história das mulheres, seus modos de ser e conseqüentemente seus modos de viver. A historicidade ou história que acontece reafirma o ser benzedeira, ao mesmo tempo, em que a identifica através de sua prática. A permanência da benzeção, enquanto modo de cuidado na sociedade atual, em meio à grande oferta de aparato tecnológico no cuidado com a saúde, faz com que a benzeção seja ressignificada dentro da cadeia da tradição. A tradição, no contexto gadameriano, proporciona, em parte, o nosso engajamento no mundo. Esse engajamento permite o diálogo do passado com o presente. Um passado que se apresenta vivo por meio das tradições, as quais as pessoas recorrem no presente. A benzeção é uma prática de cuidado, inserida neste contexto de tradição de que falamos anteriormente. A força da benzeção e das benzedieras diz respeito a uma tradição, fortemente construída, a partir da força e do mistério feminino. Toda esta força e mistério estão na raiz da historicidade e da história desta tradição, que permitiu sua sobrevivência aos ritos oficiais e à ciência. Isso nos leva a acreditar que esta prática permanecerá viva na história do homem.

A permanência e o interesse contemporâneo por essa prática nos mostram que a ciência e a modernidade que lhes acompanham não são suficientes para nos assegurarem quanto à nossa condição de ser-no-mundo. Na benzeção, nos sentimos novamente devolvidos à nossa humanidade e à nossa totalidade de ser. Ao mesmo tempo, em que retomamos nossa historicidade. Enquanto existirem ouvintes e narradores interessados em escutar as benzedieras, haverá transmissão e permanência desta tradição.

## **Referências**

- Benjamin, W. (1989). *Obras Escolhidas*. 2 ed., v.3. São Paulo: Brasiliense.
- Boff, L. (1999). *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Brandão, (1985). C. R. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo, Brasiliense.
- Bruseke, F.J. (2012, Junho) *A modernidade técnica*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. SP.
- Gadamer, H. G. (2011). *O caráter oculto da Saúde*, 2ª. Ed., Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gadamer, H. G. (1997). *Verdade e Método*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gagnebin, J. M. (1994). *Historia e narração em Walter Benjamin*, Campinas, SP: Perspectiva.
- Heidegger, M. (2012). *Ontologia (Hermenêutica da facticidade)* Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e Tempo*, Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- Inwood, M. (2004). *Heidegger*. São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Lawn, C. (2011). *Compreender Gadamer*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch 1980. Druck: graph
- Lemos, C. T. *Religião e saúde: Busca de uma vida com sentido*.
- Minayo, M. C. de S. (1998). *Pesquisa Social: Teoria método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- Minayo, M. C. de S. (2010) *O Desafio do conhecimento*. 12ª. Edição. São Paulo, SP: Ed. Hucitec.
- Oliveira, E. R. (1985). *O que é benzeção*. São Paulo, SP: Brasiliense. 12
- Peixoto, L. F. (2002, Maio/Junho). *Saúde e doença. Fragmentos de cultura*. Goiânia, 12(03).

Perrot, M. (2007) *Minha história de mulheres*. São Paulo, SP: Ed. Contexto.

Pompa, C. (2003). *Religião como tradução: missionário, tupis e “tapuias” no Brasil colonial*. Bauru, SP: Edusc.

Priore, M.D. (1997). (Org.), *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, SP. Editora Contexto.

Quintana, A. (1999). *A ciência da Benzedura*. São Paulo, SP: Cortez.

Rohden, L. (2005). *Hermenêutica filosófica*. RS: Editora Unisinos.

Souza, L.M. (1987). *O diabo e a terra de Santa Cruz. Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Vainfas, R. (1985). *A heresia dos índios*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

### **Artigo III**

## **MODOS DE CUIDADO A PARTIR DA BENZEÇÃO: abrindo trilhas e delimitando caminhos**

### **Resumo**

A benzeção ainda é uma prática muito presente em Alagoas, assim como a busca por tratamento com benzedadeiras. Este artigo é parte de uma pesquisa de doutorado, em que busca compreender a cura pelas benzedadeiras, enquanto modo de cuidado. Procurando compreender a permanência desta prática de tratamento vinda da Idade Média em plena modernidade técnica. Os conceitos de cuidado presentes no texto são compreendidos na ótica fenomenológica existencial. O objetivo geral desta pesquisa é: Compreender o tratamento com benzedadeiras enquanto modo de cuidado. Seus objetivos específicos são: 1- Descrever as práticas curativas das benzedadeiras; 2- Compreender a benzeção enquanto modo de cuidado. 3- Estudar a permanência desta prática na modernidade técnica. É uma pesquisa de natureza qualitativa, numa perspectiva fenomenológica existencial. Nesta pesquisa, a amostra foi selecionada de maneira intencional, pois, se trata de benzedadeiras e pessoas que se utilizaram de seus serviços. Foi desenvolvida em Maceió e em outros municípios da região metropolitana. Utilizou-se como instrumentos a narrativa, na ótica de Walter Benjamin e o diário de campo da pesquisadora. Para análise dos resultados, utilizou-se a hermenêutica filosófica de Gadamer, que toma a compreensão como princípio para o entendimento. De acordo com Gadamer (1999, p. 405), “Quem quer compreender um texto, em princípio, está disposto a deixar que ele diga alguma coisa por si. Por isso, a consciência hermenêutica tem que se mostrar receptiva.” Entre os resultados mais importantes destacamos: a importância da fala e da escuta, a experiência mística a historicidade e a tradição. O fato da benzeção não entrar em choque com o aparato médico tecnológico, demonstra que são fenômenos que respondem a diferentes necessidades humanas. Especificamente, neste artigo procura-se apresentar a metodologia, amostra e instrumentos, utilizados na pesquisa.

**Palavras chave:** cura, cuidado, benzeção, fenomenologia existencial.

## **MANNERS OF CARE STARTING FROM BENZEÇÃO: opening trails and delimiting roads**

### **Abstract**

The benzeção is still a very present practice in Alagoas, as well as the search for treatment with healers. This article is part of a PhD research, which seeks to understand the healing by faith healers, while carefully so. We propose here, understand the care modes from the healing practice of healers, trying to understand the role of tradition in this type of treatment from the middle ages and their stay in full technical modernity. The care concepts in the text are understood in the perspective existential phenomenological. Thus, the objective of this research is: Understanding treatment with healers while care. Its specific objectives are: 1. Describe the healing practices of healers; 2 Understanding the benzeção while care 3- Studying the permanence of this practice in technical modernity. It is a qualitative research in an existential phenomenological perspective, this research sample was selected intentionally, because of the healers and people who have used their services. It was developed in Maceió and other cities in the metropolitan region. It used as instruments narrative, in the view of Walter Benjamin and the researcher's field diary. For data analysis, we used the philosophical hermeneutics of Gadamer, it takes understanding as a principle for understanding. According to Gadamer (1999, p. 405), "Who wants to understand a text, in principle, is willing to let him say something for you. Therefore, hermeneutics consciousness has to be receptive. " Among the most important results include: the importance of speaking and listening, mystical experience and tradition. The fact of the benzeção not clash with the technological medical apparatus, clearly shows that they are phenomena that responds to different human needs. Specifically, this article seeks to present the methodology, sample and instruments used in the research.

**Key words:** healing, care, benzeção, existential phenomenology.

## Introdução

O interesse nesta temática reside na observação que, apesar de todo o avanço da medicina, na atualidade, as pessoas ainda recorrem a tratamentos ou “curas” com benzedeadas. Esta prática é muito antiga e remonta à Idade Média, onde era comum a presença de parteiras e benzedeadas, e então as terapêuticas de “curas” se davam por meio de orações, unguentos e bênçãos. Nesta época, as práticas de “curas” eram realizadas principalmente por mulheres, que, posteriormente, foram consideradas como bruxas e feiticeiras pela Igreja Católica, pois, a benzeção assim como outros rituais realizados pelas mulheres eram considerados rituais pagãos e verdadeiros cultos ao demônio. De acordo com Pompa (2003), o saber das mulheres, que foi inicialmente considerado pagão, terminou tendo alguns de seus aspectos apropriados pela Igreja, que modifica o sentido da “cura” e o transforma em um ritual oficial, introduzindo igualmente outros elementos.

O discurso dos missionários, então “filtra” através da oposição fundamental verdade-mentira uma série de práticas que acabam passando da jurisdição xamanística à católica, permanecendo fundamentalmente a mesma: a confissão (que passa do mato ao padre), a cura (das cantigas pagãs ao batismo e as rezas católicas) (Pompa, 2003, p. 398).

As benzedeadas fazem parte da nossa cultura e tradição, sendo fundamentais nas crenças de muitas pessoas. Na maioria dos casos estudados, são senhoras com idades, entre 50 e 100 anos de idade, muito respeitadas na comunidade. A idade é um dos aspectos que confere respeito e credibilidade, pois, verificamos que quanto maior a idade maior é a procura das pessoas por ela e maior é o reconhecimento pelo seu ofício. Outro aspecto é a religiosidade, pois possuem profunda vivência religiosa e devocional dentro da religião a que pertencem. Acreditam-se possuidoras de um “dom”, ou que foram agraciadas por uma dádiva. Este “dom”<sup>23</sup> é compreendido como algo divino, sagrado, não é um poder próprio especial ou mágico. Na sua maioria, pertencem à religião católica ou a religiões de matrizes africanas e indígenas. Há casos que praticam o culto em ambas as religiões. Além disso, podemos identificar elementos de pelo menos duas grandes religiões presentes em suas práticas de benzeção. Por exemplo: utilizam terços, água e orações, elementos ligados à religião católica, outras vezes, praticam os rituais com ramos verdes ou outros elementos ligados às religiões afros. O ritual da benzeção deve ser realizado durante 03 vezes para cada pessoa, em dias

<sup>2</sup>Cristo fala dos talentos que Deus dá a cada um (Mt 23, 14-30)

<sup>3</sup> Paulo afirma em sua Carta aos Coríntios que o espírito concede dons e carismas para o seio da comunidade e o dom das curas. (1 Cor 12, 9)

seguidos, sendo necessário, sobretudo ter fé, tanto por parte do benzedor, quanto da pessoa, que procura a benzeadeira ou benzeção.

São guardiãs de um saber acumulado e transmitido, através da tradição oral. Geralmente o benzedor é iniciado por outro benzedor dentro da mesma família. Segundo relato das próprias benzeadeiras, somente se ensina a benzer pessoas adultas, porque as orações que são ensinadas às pessoas muito jovens, enfraquecem o dom daquele que ensina. Se de um lado são acusadas como responsáveis pela construção de credices, por outro, são vistas como pessoas necessárias à saúde de sua comunidade.

As pessoas recorrem às benzeadeiras para cuidar da sua saúde, mais especificamente buscam a “cura” através da prática da benzeção. O ritual, as ervas e as orações variam de acordo com os problemas de saúde. No entanto, não há diferença quanto ao acolhimento e tampouco restrições, quanto à idade, sexo, cor, raça e religião ou classe social. Não foi relatado qual o critério de escolha para as orações nem para as ervas utilizadas.

A benzeção se apresenta através de uma diversidade de práticas e uma variedade de características, entre elas: o toque, a escuta, o olhar, o atendimento singular e diferenciado a cada indivíduo e principalmente o acolhimento por parte do benzedor, é o que a diferencia de outras formas de atendimento. Não existe uma padronização do ritual, cada pessoa é compreendida como um ser único e, por isso, requer um cuidado único, subjetivo. Essa atenção e cuidado podem contribuir para o bem estar do paciente, além de estabelecer um vínculo. Atualmente, observa-se que diversos trabalhos e pesquisas vêm sendo realizados, tanto pela psicologia como pela ciência da religião, no que diz respeito ao ritual da benzeção, realizado pelas benzeadeiras e até pelas parteiras.

## **2- Benzeção e benzeadeiras**

O ato da benzeção tem origem no meio rural, acredita-se que advém da prática de mulheres na Idade Média, onde o desconhecimento do corpo feminino levava as mulheres a cuidarem uma das outras. Este cuidar, era desde a ajuda na hora do parto à atenção com certas doenças “tidas” como femininas. No Brasil Colônia, segundo Priore (1997), as mulheres, desprovidas de recursos da medicina, recorriam às curas informais e buscavam resgatar a saúde por meio de rituais religiosos, gestuais e orais. Neste contexto social de carência, e com uma visão predominantemente eclesial, a concepção de doença se relacionava

ao aspecto religioso, sendo considerado fruto de maior ou menor número de pecado cometido pelo doente. O cuidado, principalmente com a saúde, se dava por meio das orações, manipulação de ervas ou por orações e oferendas. A manipulação das ervas era tarefa quase que exclusivamente feminina. As ervas utilizadas eram encontradas no mato ou cultivadas ao redor da casa, ambiente de domínio exclusivo das mulheres. Este ambiente ainda hoje é encontrado na casa das benzedoras. Nesta relação das mulheres com a natureza no sentido do cuidado por meio da manipulação de ervas, vale destacar o trabalho de uma monja beneditina do século XII, que, de acordo com Sbardelotto, se tornou referência tanto na medicina quanto na música.

Hildegard de Bingen foi uma visionária, compositora, profeta e mística do século XII, também farmacêutica por sua habilidade em lidar com ervas na produção de medicamentos. Escreveu uma obra profética, isto é, revelada, na qual transcreve a voz de Deus. É uma obra onde ela fala de uma experiência de união com Deus (2011, p.12).

As suas realizações se deram em um período onde tais feitos não eram permitidos às mulheres. Este, entre outros, é um dos fatores que podem explicar porque a benção é praticada principalmente por mulheres, mas não exclusivamente por elas, pois existem benzedores, embora em número muito menor. De acordo com Priore, as mulheres detinham o poder sobre as ervas:

As mulheres e suas doenças moviam-se num território de saberes transmitidos oralmente, e o mundo vegetal estava cheio de signos das práticas que as ligavam ao quintal, à horta, às plantas. Cheiro do alecrim era considerado antídoto contra os raios; seus ramos tinham o poder contra feitiços. As ervas apanhadas dias de quinta-feira de Ascensão tinham a virtude contra sezões, febres e bruxedos..... No quintal, além de colherem ervas para curas e práticas mágicas, as mulheres jogavam as águas.... Além de constituírem espaço da economia familiar, lugar de plantio de subsistência, da criação doméstica e da cozinha, o quintal era o território prestigiado da cultura feminina, feita de empirismo, oralidade e memória gestual(1997, p.94 - 95).

De acordo com o Dicionário da Religiosidade Popular (2013, p.120), a origem do termo benzedora diz respeito àquelas mulheres que manipulam ervas, realizam rezas, benção para males específicos e que, neste ato de benção, agregam ervas medicinais ou plantas que possuem no meio popular algum significado.

Já, de acordo com o Dicionário Aurélio, a benzedora é uma mulher que pretende curar doenças e anular feitiços por meio de benzeduras, podendo também significar bruxa ou feiticeira. Benzedura, por sua vez, seria o ato de benzer acompanhado de rezas, tidas

como supersticiosas, e que seria sinônimo de pajelança. Isto, porque os conhecimentos sobre as ervas era de domínio de poucos.

Ao longo da história, as benzedeadas já foram entre outras coisas acusadas de: bruxas, feiticeiras, “médicas populares” e, ainda, de alimentar credulidades junto à população. Apesar disso, continuam sendo procuradas para tratar os males do corpo e do espírito. As formas e os meios utilizados ainda hoje, permanecem os mesmos de séculos atrás, envolvem rezas, orações, banhos e unguentos entre outros, porém, ao mesmo tempo, consideram a individualidade e a subjetividade, atenta para aspectos por vezes negligenciados na ciência moderna.

De acordo com Perrot, por se atreverem a curar os corpos, ofendiam a razão da época, sendo este um dos tantos motivos para muitas outras acusações:

Em primeiro lugar, elas ofendem a razão e a medicina moderna, por suas práticas mágicas. Têm a pretensão de curar os corpos, não somente com ervas, mas com elixires elaborados por elas e com fórmulas esotéricas (2006, p. 89).

Esse diferencial nos rituais de cuidado, realizados pelas mulheres, nos remete ao que Gadamer (2011) comenta a respeito do médico de família. O médico era um amigo da família, e essa amizade permitia um conhecimento maior da vida de seu paciente. Uma vez que não ficando limitado aos aspectos teóricos da doença, teria acesso a um conjunto de circunstâncias que poderiam estar implicados no adoecimento ou no agravamento de quadros clínicos. A forma de agir dos antigos médicos de família nos leva a questionar a importância de tais aspectos durante o tratamento. Uma vez que, sendo reconhecido que o poder de convicção do médico pode despertar a confiança e a colaboração do paciente, constata-se que estes aspectos são de grande relevância no tratamento. Este aspecto de confiança que o médico desenvolve no paciente pertence a uma dimensão bem diferente daquela produzida pelo efeito físico-químico de medicamentos no organismo ou da “intervenção” cirúrgica (2011, p.29). A partir do comentado acima indagamos: Que tipo de ajuda ou auxílio a benzeção fornece, quando as pessoas se encontram adoecidas? Enquanto terapêutica popular, de que maneira contribui para a saúde física e mental das pessoas que a procuram? Quem procura a benzedeadas ou a “cura” pela benzeção demonstra confiança nos conselhos e nas orações que ela realiza. Por outro lado a benzedeadas convoca o cliente a se responsabilizar por

sua cura por meio da crença, da fé que ele possui, pois somente a fé e as orações não são suficientes.

### 3- Cura e cuidado

Durante a realização da pesquisa, observamos que as pessoas, quando procuravam a benzedeira, usavam o termo “cura”, “vim me curar”, “procurei pra me curar”. O termo cura em latim tem o sentido de cuidado, atenção, zelo. O verbo *curo, curare*, tem o significado de cuidar de, olhar por, dar atenção, tratar.

A presença humana se caracteriza pelo cuidado “cura”, sendo seu significado anterior à sua própria existência. Heidegger confere à “cura” tanto o sentido de preocupar-se como o sentido de ocupar-se:

Esse testemunho pré-ontológico adquirir um significado especial não somente por ver a “cura” como aquilo que pertence a presença humana “enquanto vive”, as porque essa primazia da “cura” emerge no contexto da concepção conhecida em que o homem é apreendido como composto de corpo e espírito. *Cura prima finxit*; esse ente possui a “origem” de seu ser na cura. *Cura teneat, quamdiu vixerit*: esse ente não é abandonado por essa origem, mas, ao contrário, por ela mantido e dominado enquanto “for e estiver no mundo”. O “ser-no-mundo” tem a cunhagem da “cura”, na medida do seu ser.(2012. P. 266)

Nesta pesquisa, foram assumidos os pressupostos ontológicos fundamentais da existencialidade, facticidade e decadência, de Heidegger, os quais podem possibilitar uma melhor compreensão do ser-no-mundo e do fenômeno a ser compreendido, pois, para o autor o ser-no-mundo é presença. “A presença é um ente em que está em jogo seu próprio ser” (Heidegger 2012, p. 258). E este ser é, em sua essência, cuidado:

Porque, em sua essência, o ser no mundo é cura, pode-se compreender, nas análises precedentes, o ser junto ao manual como ocupação e o ser como presença dos outros nos encontros dentro do mundo como preocupação. O ser-junto a é ocupação porque, enquanto modo de ser-em, determina-se por sua estrutura fundamental, que é cura. A cura caracteriza-se não somente pela existencialidade, separada da facticidade e decadência, como também abrange a unidade dessas determinações ontológicas. ... A cura não pode significar uma atitude especial para consigo mesma por que essa atitude já se caracteriza ontologicamente como anteceder-a-si-mesma; nessa determinação, porém, já se acham também colocados os outros dois momentos estruturais da cura, a saber, o já ser-em e o ser junto a (2012, p.260).

A benzedeira é o ser-junto ao outro na comunidade e este ser-junto é pré-ocupação. O ser-com-o-outro. O ser nos seus pressupostos de existencialidade que é sua condição fundamentalmente humana, faticidade e decadência, pois, assim como todo ser é um ser de possibilidades, também o é um ser para a morte. O ser benzedeira está naquilo que a define, ou seja, na sua missão de benzer. Este fato não está apenas no momento presente, mas em toda sua historicidade. E este ser é em sua essência cuidado, que se manifesta no cuidado consigo, no cuidado com o outro, no respeito ao meio ambiente. O cuidado das benzedeiros se inicia com o ritual da benzeção, o que poderia nos levar a pensar o cuidado enquanto ocupação, porém ele acontece como pré-ocupação na medida em que a benzedeira devolve para aquele que a procura a responsabilidade de sua cura por meio da crença, da fé e da oração.

O objetivo geral desta pesquisa é: compreender o tratamento com benzedeiros, enquanto modo de cuidado. Seus objetivos específicos são: 1- Descrever as práticas curativas das benzedeiros; 2- Compreender a prática da benzeção, enquanto cuidado; 3- Estudar a permanência desta prática, na modernidade técnica.

## **4- Metodologia**

### **4.1- Natureza da pesquisa**

É uma pesquisa de natureza qualitativa, numa perspectiva fenomenológica existencial. De acordo com Minayo (1998, p. 21), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, com um nível de realidade, que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos e aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações que não podem ser reduzidas a operacionalização de variáveis. A pesquisa qualitativa não possui a pretensão de universalizar os resultados, ao contrário, ela busca a compreensão do fenômeno estudado.

### **4.2- Amostra**

Nesta pesquisa, a amostra foi selecionada de maneira intencional. Trata-se de benzedeiros e pessoas que se utilizaram de seus serviços, num total de 05 benzedeiros e 05 usuários de seus serviços. A pesquisa foi desenvolvida em Maceió e em outros municípios da

região metropolitana. A amostra foi intencional, pois se tratou de selecionar um grupo de pessoas dada sua importância e envolvimento com o tema a ser pesquisado. A seguir, faremos uma breve apresentação dos participantes da pesquisa, isto é, benzedoras e usuários.

**Benzedora 01** - 114 anos de idade, dona de casa, analfabeta, aposentada, benzedora e parteira. Descendente de quilombolas, residente na cidade de Santa Luzia do Norte, em Alagoas. Considerada a mais antiga benzedora de Alagoas, recebeu o título de Patrimônio Vivo do governo do Estado. Católica fervorosa, devota do Padre Cícero Romão Batista (O Padim Ciço do Juazeiro), aprendeu a rezar ainda criança e o dom da cura não tardou, aos 10 anos já ouvia uma voz orientando a ajudar as pessoas, já aos 12 anos de idade, começou a fazer partos e a benzer. Um neto já iniciou a prática da benzeção. Faleceu pouco tempo depois de ter participado na pesquisa. Sua morte foi noticiada em todos os veículos de comunicação do estado.

**Benzedora 02** - 81 anos de idade, analfabeta, agricultora, dona de casa e benzedora, moradora da zona rural da cidade do Pilar, em Alagoas. Católica fervorosa, romeira devota do Padre Cícero Romão Batista (O Padim Ciço do Juazeiro) e da “Mãe das Dores”. Aos 15 anos de idade, começou a benzer crianças. Apesar de ter a mãe e a avó benzedoras, disse que não aprendeu nada com elas, e acredita que a benzedura em sua vida foi um dom da natureza. E quando fala em “deixar de benzer, cai doente de cama”. Faleceu no ano de 2015.

**Benzedora 03** - 75 anos de idade, possui 2º grau completo, servidora pública aposentada, residente no bairro de Pajuçara, área nobre do município de Maceió. Católica praticante aprendeu a rezar com a Mãe e a avó desde pequena, mas foi para aliviar a dor da perda da primeira filha, que, aos 18 anos de idade, começou a benzer crianças. Hoje, atende pessoas de todas as idades e classes sociais. Prepara banhos e tem uma neta que verbalizou o desejo de aprender a benzer.

**Benzedora 04-52** anos de idade, trabalhadora rural, dona de casa, residente no Povoado Jardim do Carmo, na cidade de Marechal Deodoro. Católica praticante, devota de Nossa Senhora das Dores e do Padre Cícero Romão, benzedora, começou a curar aos 18 anos de idade. Segundo ela, foi batizada pela língua dos Anjos e a usa para operar Milagres. “As orações são sopradas no meu ouvido quando rezo pelas pessoas”, recebe pacientes enviados até por médicos e orienta que todas as casas têm que ter folhagens verdes.

**Benzedeira 05**-77 anos de idade, descendente de quilombolas. Residente na zona rural do município de Santana do Mundaú. Agricultora, católica fervorosa, romeira e devota de do Padre Cícero e de Nossa Senhora. Começou a benzer aos 20 anos de idade, aprendeu a benzer com as tias, que já eram benzedeiros, aprendeu a rezar o terço com a mãe que também benzia de mal olhado e engasgo. Começou a benzer pela falta de médico onde morava e onde via a necessidade das pessoas.

**Usuário 01**-Professor universitário, praticante do candomblé, militante do movimento negro e das religiões de matrizes africanas. Residente no município de Marechal Deodoro. A benzeção faz parte da sua religiosidade.

**Usuário 2**- Professor aposentado. Católico praticante. Residente em Maceió. Possui relação com a benzeção desde muito jovem quando via seus pais procurarem benzedeiros para o tratamento dos membros da família.

**Usuário 3**-Advogada. Residente na área nobre de Maceió. Católica. Acredita na benzeção, pois sua família sempre se tratou com benzedeiros e quando não se sente bem vai procura a benzedeira mesmo antes de ir ao médico. Afirma que nem todo problema de saúde é para os médicos.

**Usuário 4**-Dona de casa, alfabetizada, católica, residente em Pilar- proveniente de classe social baixa. Levou a filha para benzer porque sua mãe sempre levou os filhos para se “curar” e ela continua fazendo aquilo que sua mãe fazia.

**Usuário 5**-Médica psiquiatra, católica praticante, residente no município de Maceió. Possui uma relação antiga com a benzeção porque sua avó era benzedeira. Acredita no poder da oração, das ervas e da espiritualidade no restabelecimento da saúde.

#### 4.3- Os instrumentos

Os instrumentos utilizados foram a narrativa a partir de Walter Benjamin e o diário de campo da pesquisadora. As entrevistas narrativas se caracterizam como uma importante ferramenta de pesquisa em fenomenologia que permite a observação e análise de aspectos que envolvem histórias e experiências de vida fazendo emergir sentimentos e emoções tanto do narrador quanto do ouvinte. De acordo com Benjamin (1989), as narrativas possuem uma dimensão utilitária que consiste em um ensinamento, sendo este um dos aspectos observados

nesta pesquisa. As benzedeadas narram sobre a prática da benzeção, enquanto sua experiência de vida e por meio delas transmitem seus ensinamentos e conselhos aos ouvintes, e o fazem com tamanha naturalidade, que envolve o ouvinte de maneira tal que imprime neles não apenas uma marca, mas também o desejo de recontá-las, como afirma Benjamin.

Nada facilita mais a memorização das narrativas que aquela sóbria concisão que as salva da análise psicológica. Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará á sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá a inclinação de recontá-la um dia. E quando estes possuem as características do bom ouvinte, envolvem-se tão profundamente que são capazes de aprender. Esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro. (1989, p. 204).

Elas possuem a característica principal do: “narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. De acordo com Benjamin: “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorrem todos os narradores E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (1989, p.198).

O narrador imprime nas narrativas as marcas de suas experiências guardadas em sua memória e seu relato, além de partilha, é a rememoração através da palavra de um passado que se torna presente deixando ao ouvinte a liberdade de interpretação. Sobre isso Benjamin (1989, p. 203) nos diz: “o extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser.” Não apenas a interpretação, mas também o desprendimento em ouvir, pois se não há narradores, não existem ouvintes.

Quanto mais ele se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. (1989, p. 205)

#### Diário de campo

O diário é um instrumento de registro de dados da pesquisa. Um caderno de notas, onde, em geral, são registrados os dados colhidos durante a observação. Que tipo de registro pode fazer parte do diário? Nele são registrados dados, observações e sentimentos

vivenciados durante as narrativas, enfim, como a pesquisadora se viu afetada em seu envolvimento no campo. Assim diz Minayo, sobre o diário de campo:

O diário de campo nada mais é do que um caderninho de notas, em que o investigador, dia por dia, vai anotando o que observa e que não é objeto de nenhuma modalidade de entrevista. Nele devem ser escritas impressões pessoais que vão se modificando com o tempo, resultados de conversas informais, observações de comportamentos contraditórios com as falas, manifestações dos interlocutores quanto aos vários pontos investigados, dentre outros aspectos. (2010. p.295)

#### **4.4- Procedimentos para confecção dos dados**

Inicialmente, foi contextualizado o trabalho das benzedeadas em Maceió e em municípios da região metropolitana. Em seguida, foi feita a seleção das benzedeadas e dos usuários, que participaram da pesquisa. Feito o convite e assinado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, a pesquisadora participou do ritual da benzeção, ou seja, esteve no campo da pesquisa, desde o momento do acolhimento, por parte da benzedeadas, até à realização das narrativas. Logo após a benzeção, a pesquisadora convidou os usuários dos serviços da benzedeadas para participar voluntariamente de uma narrativa, a partir de uma pergunta disparadora que foi: por que buscou o tratamento com a benzedeadas e o que representou esta experiência para você? A narrativa teve a duração de 90 minutos, flexibilizado em alguns momentos, de acordo com a necessidade de cada participante. Quanto às benzedeadas, foi solicitado que narrassem a sua experiência com a benzeção. As narrativas foram gravadas e posteriormente transcritas. Gagnepin ressalta a importância da narração para a constituição do sujeito: “... e essa importância sempre foi reconhecida como a da rememoração, da retomada salvadora pela palavra...” (1994, p.03).

#### **4.5- Procedimentos para análise**

Para análise dos dados colhidos, foi utilizada a Hermenêutica Filosófica de Gadamer, que toma a compreensão como uma condição constitutiva do próprio poder-ser do homem. Assim a compreensão não poder ser universalizada, pois não leva em consideração a historicidade do homem. Na hermenêutica de Gadamer, a interpretação seria a elucidação da relação entre o interprete e a tradição, sendo o significado da obra produzido no diálogo entre ele e a obra que se caracteriza em termos de “círculo hermenêutico”. A idéia de círculo se refere ao movimento de rotação entre uma parte de um texto e seu significado.

O referencial teórico diz respeito à Fenomenologia Existencial de Heidegger, a partir de sua concepção de cuidado, como já comentamos anteriormente. Nesta pesquisa, procuramos trabalhar o termo cura numa concepção do modo de cuidar, pois para Heidegger o ser ontologicamente é cuidado:

A totalidade existencial de toda estrutura ontológica da presença deve ser, pois, apreendida formalmente e na seguinte estrutura: O ser da presença diz anteceder-a-si-mesma-no-já-ser-em-(no mundo)-como-ser-junto-a (os entes que vêm ao encontro dentro do mundo). Esse ser preenche **o significado do termo cura (N13)**, aqui utilizado do ponto de vista puramente ontológico-existencial (Heidegger 2012, p.259 - 260).

## 5- A prática da benzeção

Neste tópico com o objetivo de contribuir para uma melhor compreensão da prática da benzeção, fizemos um recorte dos resultados da pesquisa. Nele procura-se refletir sobre o saber e o fazer das benzedeadas, tomando como referência a prática das participantes da pesquisa, no intuito de proporcionar ao leitor uma situação o mais próximo possível das condições vivenciada pelos envolvidos com a benzeção.

### 5.1 O saber e o fazer das benzedeadas

O termo **fazer** aqui será compreendido enquanto práxis. Gadamer (2011) comenta: práxis é sempre uma escolha e uma decisão entre possibilidades. Ela carrega sempre uma relação com o “ser” do homem, e com as possibilidades que existe neste ser. Na práxis está implícita uma visão de mundo. O ser-no-mundo como benzedeadas constitui uma forma de ver o mundo que, em consequência, é a forma de como exerce o seu ofício. A práxis exige o domínio de um saber. Ela é coagida a tratar o respectivo saber disponível como uma completude e confere ao mesmo a segurança que o outro necessita.

Ainda para o mesmo autor, a separação entre ciência e práxis, levou à desvalorização do saber geral da humanidade, que, antes da modernidade, advinha da tradição:

Quando se diferencia “a ciência” do saber geral de outrora, que vinha de uma herança antiga e dominava até a alta Idade Média, vê-se que tanto o conceito de teoria como o de práxis sofreram, ambos,

alterações. O uso do saber na práxis naturalmente sempre existiu, tanto que se denominava “ciências e artes” (epistemai e technai). A “ciência”, em geral, era apenas a elevação extrema do saber, o qual guiava a práxis. Mas ela entendia a si mesma como uma pura teoria, quer dizer, como um saber procurado como valor em si mesmo e não pelo seu significado prático. Foi precisamente a partir desse entendimento, que se intensificou primeiro, o que quer dizer, na ideia grega de ciência, a relação com a práxis como problema. (Gadamer, 2011, P.12)

Esta separação igualmente levou a uma hierarquização do conhecimento, entre os saberes adquiridos por meio da ciência e o saber tradicionalmente adquirido. O saber adquirido por meio da ciência, comprovado através do método e da técnica, passou a possuir um valor maior de verdade do que o adquirido por meio da herança e da tradição. Tradição provém do latim, *tradere*, que significa passar adiante, a palavra se refere à “atividade de transmissão, passar algo adiante de geração a geração” (Law, 2011, p.91). Para Gadamer, a tradição é o fundamento, que possibilita a validade da herança histórica.

A realidade dos costumes, p. ex., é e continua sendo, em âmbitos bem vastos, algo válido a partir da herança histórica e da tradição. Os costumes são adotados livremente, mas não são criados por livre inspiração nem sua validade nela se fundamenta. É por isso, precisamente, que denominamos tradição: o fundamento de sua validade. E nossa dívida para com o romantismo é justamente essa correção do Aufklärung, no sentido de reconhecer que, à margem dos fundamentos da razão, a tradição conserva algum direito e determina amplamente as nossas instituições e comportamentos. (1999. P. 421)

O trabalho das benzedeadas é procurado por um número significativo de pessoas. Podemos afirmar, a partir do que foi observado no campo da pesquisa, e isso nos leva a considerar que ainda hoje, mesmo, com todo avanço da técnica médica, pessoas continuam acreditando na prática e na eficácia da benzeção para o reestabelecimento da saúde. E a benzeção que se iniciou na Idade Média, pela carência de médicos, pelo desconhecimento do corpo feminino, como afirma Priore (1997, p.88-89), sobrevive e permanece tantos séculos depois, inclusive, com muitas características com as quais se iniciou, tais como as orações, a utilização de ervas e ramos verdes, a água benta, além de um forte componente místico e religioso, e uma crença em seu poder curativo.

A cura pela benzeção, enquanto modo de cuidado vai além de um modo de cuidado encontrado nos consultórios médicos ou psicológicos. Na fala daqueles que buscam esse cuidado está à tradição: “minha família sempre se tratou com benzedeadas” e a fé, descrita pela força da oração.

Entretanto, quando falamos em benzedeadas, com frequência, ouvimos uma sonora e intrigante indagação: Ainda existem? Mas, ao continuarmos a conversa, logo escutamos comentários a respeito de se conhecer uma aqui ou ali, ou que houve uma busca por seus serviços. Outras pessoas, ainda que timidamente, chegavam a dizer que tinham uma benzedeadas em sua família.

Durante a realização da pesquisa, pode-se observar que nem todas as benzedeadas estão residindo na periferia da cidade ou em algum bairro mais afastado. Encontramos benzedeadas residindo também em bairros nobres e procuradas não somente por pessoas simples, sem conhecimento ou formação, como muitos imaginam. Podemos constatar que são procuradas por pessoas de classes variadas e de várias formações profissionais. Entre outros: professores universitários, advogados, psicólogos e até mesmo religiosos.

Destacamos aqui o trabalho de duas benzedeadas. Ambas com práticas idênticas, porém, com características distintas. A primeira delas é residente em um bairro historicamente reconhecido, onde os primeiros moradores são remanescentes de quilombolas. Ela foi indicada pelo coordenador do curso de História, que desenvolve pesquisa com remanescentes de quilombolas. É conhecida e procurada por pessoas de toda a cidade e de municípios vizinhos em busca de “cura” pela benzeção. A benzedeadas 01 realiza a benzeção para vários tipos de males que afligem “o corpo e a alma”, e que “quando percebe que não é para ela, manda a pessoa procurar o médico”. *“Tem doença que não é pra gente, que é coisa pra o doutor. Ai eu mando procurar o doutor, porque eles estudaram pra isso. Deus deu sabedoria a eles pra isso.”* (benzedeadas 01) Quando jovem ela era procurada também para realizar partos. Tem hoje 114 anos, está lúcida e ainda realiza o ofício da benzeção. Atualmente, em virtude das limitações advindas da idade já bastante avançada, só se movimenta dentro de casa, mas nos disse que antes caminhava muito e que, inclusive, viajava para outros municípios, principalmente Maceió. Ao chegar a sua casa, encontramos com um rosário na mão. Estava rezando, pois, como devota de Nossa Senhora, reza diariamente e várias vezes ao dia. Pediu-nos para aguardar um pouco, pois estava finalizando suas orações e fazendo o oferecimento. Compreendi imediatamente sua forte ligação com a Igreja Católica, apesar de sua ascendência africana. Em seguida, nos perguntou se rezávamos todos os dias e se acreditávamos em Deus. Solicitou à sua filha que pegasse uns ramos no quintal, pediu-me a mão direita e segurou forte, apesar de seu porte franzino. Perguntou, então, porque eu tinha ido procurá-la e realizou a benzeção. *“A minha fia crê em Deus. Quem cura não sou eu, quem*

*cura é Deus.*” (Benzedeira 01). Depois pediu “*você tem que voltar mais dois dias pra fechar a cura*”, o último dia pedido por ela era a sexta-feira. As benzedadeiras usam o termo fechar a cura, o que indica que concluiu o processo.

O termo “cura”, popularmente usado pelas pessoas quando vão procurar uma benzedeira, refere-se ao ato da benzeção. Tal ato é feito com rezas, gestos e orações pela benzedeira, seja ela com os ramos ou com outros instrumentos. Neste caso, ela usa ervas como pinhão roxo, arruda e folhas de jurema, que é uma erva sagrada para as religiões de indígenas e de matrizes africanas. Isto demonstra um pouco das suas raízes. Das orações que faz poucas conseguimos entender claramente, apenas algumas palavras ou trechos. Entendemos com clareza as orações como a Ave Maria e o Pai Nosso. Ela também não nos revelou qual o critério de seleção que utiliza para escolher cada erva usada na benzeção. Quando termina a benzeção, pede para a pessoa rezar todos os dias, não esquecendo nunca, pois somente, se tivermos fé, é que acontece a cura. A sensação é de paz e tranquilidade durante a realização da benzeção, apesar do burburinho da casa. Não me fez nenhum tipo de cobrança ou determinou algum valor. Segundo a mesma, “*cura não se paga. Acrescentando que não se pode cobrar pelo que Deus lhes deu de graça.*” (benzedeira 01)

Segundo sua filha, apesar de ter 114 anos ela não possui nenhum problema de saúde que necessite de maiores cuidados. Afirma que recebe com frequência visita do médico e da enfermeira do Programa de Saúde da Família, que ficam admirados por sua boa saúde. O único problema a que se refere é a perda da visão. Diz que se alimenta normalmente muito bem e sem restrições. Durante a visita, eles fazem somente algumas observações quanto aos cuidados com a alimentação por conta de sua idade. Ela começou a benzer aos 11 anos de idade e aprendeu com seu pai, que também benzia. Aprendeu as orações através da transmissão oral e hoje está passando da mesma forma para o seu filho (também oralmente), que já começa a benzer. Não foi sequer alfabetizada. Teve vários filhos e filhas, mas apenas um recebeu o dom, assim como ela. Também era parteira e realizou o parto de quase todas as mulheres mais antigas de seu município. Às vezes, vinham buscá-la para fazer parto e rezas também em municípios vizinhos.

A segunda benzedeira tem 75 anos e reside em um bairro nobre do município de Maceió. Aposentada, ao contrário da primeira, esta é alfabetizada. Iniciou-se na benzeção aos 18 anos, quando perdeu uma filha. Prometeu a Deus que daquele dia em diante ia benzer crianças. Posteriormente, por meio de uma amiga, conheceu uma pessoa praticante do

espiritismo, que lhe ensinou as outras orações. Desde então, passou a benzer não apenas crianças, mas também adultos. Sua mãe e sua avó eram benzedoras, mas diz que o que sabe não aprendeu com elas. Tem uma neta de 25 anos (com formação superior), que deseja seguir o ofício. *“Essa minha neta vive dizendo que quer aprender a curar”*. Assim como a primeira benzedora, esta também afirma que se trata de um dom e que não pode cobrar pela benzeção, mas aceita os “agrados” que lhes são oferecidos: *“Eu não cobro, quem cobra por isso não é curador, não se pode cobrar por cura, mas se deixam algum agrado eu recebo e agradeço.”* Ela também prepara banhos medicinais com ervas. Para benzer usa ervas e água benta que lhe é trazida da Igreja católica. Afirma ser católica e frequentar regularmente a Igreja, e que não há conflito entre o que faz e a sua religião. Durante o período que estivemos em sua casa, podemos observar o quanto é procurada. Algumas das pessoas chegavam como que às escondidas, chegando a dizer que não queriam ser identificadas e nem participar da pesquisa, mas que afirmavam acreditar peremptoriamente na cura pela benzeção. Ela iniciou benzendo crianças de quebranto ou mal olhado, que, segundo ela, são as “curas” mais fáceis de fazer; porém benze todos os tipos de problemas de saúde. Entretanto, quando surgem casos que acredita não poder ajudar, então, orienta para que procure o médico. *“As pessoas chegam pesadas, desanimadas e sem coragem para viver, aí ela benze e na primeira cura já saem sentindo-se melhor”*. *“O meu trabalho é um ambiente pesado e carregado de inveja, daí sempre venho.”* (Usuário03). Ao ser perguntada por que procura a benzedora, a mesma respondeu: *“sou do interior e minha família sempre se tratou com benzedora, tem doenças que não é para médicos a gente sabe, conhece quando não é.”* O ambiente da casada benzedora 02 é simples e acolhedor. A benzeção é realizada na sala. A casa é cercada de plantas, na maioria ervas medicinais das quais ela se utiliza, tanto para benzer, quanto para preparar os banhos. Entre as pessoas que a procuram em busca da benzeção encontramos: professores, advogados, odontólogos e psicólogos. Apenas o psicólogo, se recusou a participar da pesquisa.

O saber das benzedoras é parte integrante do conhecimento ou sabedoria popular, porém é específico no campo da saúde. Sua prática sobrevive, graças às tradições femininas, mantidas na sociedade contemporânea, e que não se coloca em oposição à ciência e à técnica médica. De acordo com Priore, as mulheres, através de seus conhecimentos, são responsáveis pela permanência de determinadas tradições sociais.

Esse saber informal, transmitido de mãe para filha, era necessário para a sobrevivência dos costumes e das tradições femininas. Conjurando os

espíritos, curandeiras e benzedeadas, com suas palavras e ervas mágicas, suas orações e adivinhações para afastar entidades malévolas, substituíam a falta de médicos e cirurgiões. Era também a crença na origem sobrenatural da doença que levava tais mulheres a recorrer a expedientes sobrenaturais; mas essa atitude acabou deixando-as na mira da igreja, que as via como feiticeiras capazes de detectar e debelar as manifestações de satã nos corpos adoentados. Isso mesmo quando elas estavam apenas substituindo os médicos, que não alcançavam os longínquos rincões da colônia. (1997, p.81).

Estão inseridas no campo da religiosidade popular, atuando em um contexto social de modernidade, onde os fenômenos religiosos não são tão valorizados, mas, ao mesmo tempo, representa para o ser humano uma espécie de retorno ao sagrado e às tradições, que, de fato, nunca foram apagadas, num movimento de busca ao autoentendimento e que fazem parte da história de cada povo.

Os indivíduos são enraizados e incrustados num ambiente cultural específico, dentro do qual os movimentos em direção ao autoentendimento sempre devem ser reconciliados. Este ambiente específico Gadamer chama de tradição (Lawn, 2006 p.91).

Neste contexto, a busca de tratamento com benzedeadas enquanto modo de cuidado, num ambiente onde a medicina é dominada pela modernidade e pela técnica conduz o ser humano a uma reconciliação com o passado e com as antigas tradições do modo de cuidar; sem, no entanto, se desligar ou abandonar os procedimentos próprios da modernidade, como a realização de procedimentos de alta complexidade, com diagnósticos cada vez mais precisos. Alguns dos entrevistados afirmam que sua mãe ou avós costumavam procurar benzedeadas e eles continuam a tradição, como afirma a usuária 04: *“Minha mãe me levava, minha avó também, e eu continuo levando meus filhos a elas, pois acredito que doença que não é para médico”*. Observamos, através da fala, tanto dos usuários quanto das benzedeadas, que não há conflitos entre as terapêuticas proporcionadas pela ciência e pela tradição popular, porque, quando percebe que o caso não é de cura, ela encaminha ao médico: *“Isso não é doença de cura. É doença dos médicos. Tudo é pela fé a cura só acontece pela fé porque quem cura é Deus sou apenas um instrumento.”* (Benzedeadas 02).

Lawn (2011, p.91) considera que, para Gadamer, a tradição, assim como o pré-conceito, parte de um pano de fundo para o nosso engajamento no mundo. Tradição que significa passar adiante, se refere à “atividade de transmissão, passar algo adiante de geração a geração” (2011 p.54). No caso das benzedeadas, esta transmissão se dá pela prática da oralidade, da narrativa. Trabalhar com a metodologia da oralidade é uma possibilidade rica de

resgate da memória social e bens imateriais do grupo, além de permitir dar voz aos agentes envolvidos no processo; neste caso, às benzedeadas e seus descendentes que darão continuidade ao ofício, além daqueles que as procuram.

As benzedeadas, geralmente, narram sobre sua experiência de vida, seu ofício e seus dons para exercê-lo, assim como sobre as pessoas que as procuram. Elas falam com muita propriedade o que proporciona ao ouvinte certo encantamento, uma paixão que emociona. É uma emoção um tanto quanto racional, porque tem um fundamento no mundo real, na vida de seres que possuem um passado e um presente e almejam um futuro, mas, ao mesmo tempo, permite aos ouvintes a reconstrução e ressignificação das suas histórias. Portanto, seu relato parte de sua prática, de sua experiência de vida e dos casos que atende. Encontramos, em Walter Benjamin, o suporte para tal afirmativa.

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes (1989, p. 201).

Nesta pesquisa, os saberes e a experiência das benzedeadas são considerados um bem imaterial, que mantém viva uma tradição cultural brasileira, no caso desta pesquisa, falamos especificamente da região nordestina. A permanência do saber e da prática da benzeção acontece ainda através da transmissão oral, que se dá através da narração, em que a benzedeadada naturalmente reconstrói sua trajetória de vida. Nesta narração, inclui, como e quando começou a benzer, os meios, os instrumentos e as orações que utiliza na benzeção, entre outras histórias ligadas ao ofício. Na narração, as histórias reconstruídas ganham um novo significado e adquirem outra possibilidade de sobrevivência da tradição, pois é a reminiscência que funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Para Benjamin, a naturalidade do narrador poderá surtir efeitos necessários ao ouvinte, para recontar a narração, possibilitando manter viva aquela tradição.

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia as sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia (1989, p. 204).

Merece também ser ressaltada a importância do ouvinte. Uma das queixas das benzedeadas é a falta de disposição, sobretudo, dos mais jovens em ouvir. Quando perguntado de algum modo demonstra interesse em aprender a benzer, as respostas são idênticas: “Hoje em dia esse povo novo não tem interesse em aprender essas coisas. Querem outras

coisas”(Benzedeiras 01). “Ninguém quer aprender. Tem uma neta minha que vive dizendo que quer aprender.” (Benzedeira 02). O ouvinte é fundamental na manutenção de uma tradição como a benzeção que é transmitida apenas pela prática da oralidade. Portanto, não basta a procura pela benzeção, é necessário que se saiba ouvir e a partir daí se interesse em dar continuidade à tradição. Sobre a importância do dom de ouvir a narração, Benjamin nos diz:

Nada facilita mais a memorização das narrativas que aquela sóbria concisão que as salva da análise psicológica. Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia as sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá a inclinação de recontá-la um dia. Esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro. Se o sono é o ponto mais alto da distensão física, o tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica. O tédio é o pássaro do sonho que os ovos da experiência. (1989, p. 204).

Quando uma benzeadeira deixa de exercer seu ofício, não é por falta de interesse, geralmente isso se acontece por impedimento físico/biológico, geralmente ligado ao seu estado de saúde ou a sua idade. Assim, também ocorre quando param de narrar suas experiências ou simplesmente param de contar suas histórias ou ainda deixam de preparar um sucessor. Tais fatos acontecem pela falta de ouvintes, pela falta de interesse de alguém próximo em dar continuidade ao ofício da benzeção.

Hoje ir a uma benzeadeira talvez não responda às mesmas questões de antes, pois a realidade atual no cuidado com a saúde está necessariamente vinculada à técnica, com equipamentos cada vez mais sofisticados, capazes de diagnósticos mais precisos, onde se pressupõe que não haveria espaço para o tratamento com elas. Então, o que faz falta neste universo que faz com que ainda existam e sejam procuradas? As respostas, em geral, seguem a mesma linha: “Minha família sempre se curou com benzeadeiras”, afirmou o usuário 04. A usuária 03 assim falou: “Nem todas as doenças são para os médicos, a gente percebe quando não é.” Para Lawn (1887), a modernidade nos fez perder a segurança advinda da tradição e questiona a segurança que a mesma nos proporciona.

Gadamer procura questionar a autosssegurança da era moderna e nos conduz a reintegrar aspectos daquilo que perdemos quando adotamos todas as doutrinas e crenças do iluminismo. Principalmente, o que perdemos não foi somente a harmonia, o senso do mundo não dividido pelo velho e o novo, o clássico e o antigo, o filósofo da idade média e moderno, mas sim parte de um arranjo mais unitário, a tradição.... A tradição tem uma justificativa que

está além do fundamento racional, e em grande parte, determina nossas instituições e atitudes (Lawn, 1997, p. 51).

Neste retorno às “tradições”, percebe-se, que, como antigamente, as pessoas voltam a recorrer às benzedeadas. Hoje como antes, buscam a “cura”. Porém, procuram algo mais que não encontram na medicina. E o que buscam além da cura?

Alguns aspectos valem a pena ser ressaltados: O primeiro é que já não existem tantas benzedeadas quanto antigamente e a renovação ou continuidade da tradição tem acontecido com uma frequência menor, pois poucos são os casos de transmissão dentro da linha de parentesco. Em contraponto a esta ausência de benzedeadas, a procura continua e tem aumentado para aquelas que ainda existem e estão atuando. O segundo é que, da mesma forma que a medicina tem se apresentado altamente tecnologizada e precisa em seus diagnósticos, também tem se desumanizado e tratado o ser humano de forma impessoal e cada vez mais fragmentada, o que o leva a buscar formas de tratamento que o vejam novamente como um ser, que traga de volta a sua humanidade e o seu todo.

As benzedeadas, principalmente, as mais tradicionais na prática de seu ofício, transmitem segurança e experiência de vida, oferecem um olhar diferenciado, singular, além de ouvir e dar orientações, principalmente, às mulheres mais jovens. De certa forma, as benzedeadas são procuradas por representarem um passado, um porto seguro, um olhar diferenciado e isto se traduz em conforto e bem estar. Além de uma ligação com o sagrado através de suas rezas, orações e conselhos.

A cura pela crença, o caráter sagrado do benzimento está na fé, que possuem tanto a benzedeadas quanto o ser que busca a cura pela benção. Quando perguntam se você acredita em Deus e se reza todos os dias, é uma forma de levar seu cliente a reconhecer que ambos são possuidores de uma força espiritual, porém, a benzedeadas possui além da fé um dom superior na arte de benzer, capaz de proporcionar o alívio dos sintomas de quem a procura. Entretanto, nos casos que a benzedeadas reconhece que as rezas não são suficientes, enquanto tratamento, recomenda que se procure auxílio médico como já falamos anteriormente.

Sabe-se que a consciência e a força que um grupo possui, podem resistir às mudanças sociais, advindas com o avanço da ciência e da técnica, o que pode levar a preservação da tradição de um ritual. Este não é o caso das benzedeadas e da permanência do

ofício da benzeção, pois não encontramos durante a realização da pesquisa nenhum grupo organizado de benzedeiros no Estado de Alagoas. Apesar da não existência destes grupos, é a permanência da prática de benzeção que confere identidade à benzedeira, pois benzer é o seu ofício, que explicita uma tradição que permanece e perpassa de geração em geração e lhes garante uma pertença religiosa. Por isso, querem continuar a benzer até morrer ou até quando Deus permitir, como afirmam. Por acreditarem no bem que fazem a outros seres humanos, encaram seu ofício como um serviço assumido por tradição, que geralmente lhes é transmitido oralmente, através de um membro da família mais experiente no ofício, como temos comentado. Gadamer diz que a tradição possui fundamentos que vai além da racionalidade.

E, quer se queira combata-la revolucionariamente, quer se pretenda conservá-la, a tradição se lhe mostra em ambos os casos como a contrapartida abstrata e livre da autodeterminação, já que sua validade não necessita de fundamentos racionais, pois nos determina de modo inquestionável. (1999. P. 422)

A prática curativa das benzedeiros é um ritual religioso, de cunho espiritual. Apresenta entre as suas características elementos das religiões indígenas, afro e católica<sup>4</sup>. No catolicismo o ritual das benzedeiros não faz parte do rito oficial. Muito embora a maioria das benzedeiros se identifique como pertencente à religião católica e utilizem em suas práticas elementos ligados a essa religião como terços, água e orações entre outros. A prática da benzeção, assim como outros rituais de cura não reconhecidos pelo catolicismo, fazem parte da chamada religiosidade popular, muito próxima e presente na vida da população.

## **6- Considerações finais**

Procuramos compreender os modos de cuidado a partir da benzeção enquanto prática de cura na modernidade técnica, porém, ela pode ser compreendida, entre outros fatores, pela singularidade com que a benzedeira trata os seus clientes. Assim como também as relações e vínculos estabelecidos, proporcionando um ambiente de confiança, uma escuta atenta, acolhedora que nos faz lembrar os cuidados de outrora, inclusive da própria medicina. Pode-se considerar que a tradição é outro fator favorecedor da busca de tratamento com

---

<sup>4</sup>Sincretismo religioso- vivência de elementos de várias religiões. É um processo que se propõe a resolver uma situação de conflito cultura que resultou em associações híbridas e crenças mestiçadas. Dicionário da religiosidade popular, p.1028.

benzedeiros, inclusive como liame entre gerações. Ainda considerando o conceito de tradição trabalhado neste texto, a benzeção é uma prática que é parte da vida daqueles que a procuram e assim, sendo, sua permanência é algo que pode ser visto como perene para algumas comunidades. Este tema apresenta uma variedade de características podendo ser abordado por várias áreas do conhecimento. Procuramos trabalhar com a perspectiva fenomenológica existencial por ser fundamental o resgate da história e da historicidade da benzeção e compreender a tradição hermeneuticamente, enquanto contexto de nosso engajamento no mundo, que nos resgata e nos situa, enquanto ser-no-mundo com os outros. A participação no ritual da benzeção e o diário de campo foram instrumentos de fundamental importância, pois, permitiram o registro de tudo o que não foi dito, mas foi observado e sentido. Posso afirmar que, como pesquisadora, fui inteiramente tomada por aquilo que estava pesquisando. O caleidoscópio de emoções que me afetaram me marcou para sempre. Acredito que, ao final desta pesquisa, sinto-me renovada para alçar novos vôos. E pensar que falamos tanto em tradição sem, no entanto, compreendermos que ela é parte constituinte do que somos e que vai além que qualquer fundamento racional e técnico da vida humana.

## REFERÊNCIAS

- Benjamin, W. (1989). *Obras Escolhidas*. (2 ed., v.3). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Boff, L. (1999) *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bruseke, F.J. (2012, Junho) *A modernidade técnica*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, SP.
- Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, 2006. Ed. Positivo
- Gadamer, H. G. (2011) *O caráter oculto da Saúde*. (2ª. Ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gadamer, H. G. (1997) *Verdade e Método*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gagnebin, J. M.(1994) *Historia e narração em Walter Benjamin*. Campinas, SP: Perspectiva.
- Heidegger, M. (2012) *Ontologia (Hermenêutica da facticidade)* Petrópolis, RJ: Vozes.
- Heidegger, M. (2012) *Ser e Tempo*, Petrópolis, RJ: Vozes.
- Inwood, M. (2004) *Heidegger*. São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Lawn, C. (2011) *Compreender Gadamer*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lemos, C. T. *Religião e saúde: Busca de uma vida com sentido*.
- Minayo, M. C. de S.(1998). *Pesquisa Social: Teoria método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Perrot, M. (2007). *Minha história de mulheres*. São Paulo, SP: Ed. Contexto.
- Pompa, C. (2003). *Religião como tradução: missionário, tupis e “tapuias” no Brasil colonial*. Bauru, SP. Edusc.
- Poel, F.V.D. (2013) *Dicionário da Religiosidade popular: cultura e religião no Brasil*. Curitiba, PR: Nossa Cultura.

Priore, M.D. (Org.). (1997). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, SP: Contexto.

Sbardelotto, M. (2011) *Hildegard Von Bingen: uma artista, mística e profética*. São Leopoldo, RS: Unisinos.

## Artigo IV

### **A BENZEÇÃO ENQUANTO MODO DE CUIDADO: uma reflexão a partir das práticas das benzedadeiras em Alagoas**

#### Resumo

Enquanto a ciência avança com novas descobertas tecnológicas especificamente no âmbito da saúde, fica cada dia mais difícil o acesso da maioria da população a tais descobertas. Ao mesmo tempo esta mesma população busca formas alternativas de tratamento. Nesta busca o homem volta-se para o universo sagrado a fim de encontrar respostas tanto no sentido de atender suas necessidades não supridas, quanto no sentido de formas complementares de tratamento. Entre as formas alternativas de tratamento procuradas pela população está a prática da benzeção. Uma forma secular de tratamento que ainda hoje se faz presente no meio do povo. Se por um lado a ciência se apresenta fria e distante do cuidado humano, por outro, o cuidado pela benzeção se apresenta para o homem como um mundo caloroso que o acolhe e o protege, oferecendo respostas aos questionamentos que não consegue encontrar na ciência e na tecnologia sem, no entanto entrar em conflito com elas. A benzeção é um tratamento por meio de orações que desperta no homem uma vivência espiritual levando-o a preencher as lacunas de sua existência, a partir da relação com o transcendente. É a crença em algo que transcende a si mesmo. Somente compreendendo a construção do processo saúde doença sob a ótica da espiritualidade, em um mundo globalizado e tecnológico, de mudanças frequentes e ao mesmo tempo desencadeadoras de instabilidades sociais e emocionais, é que poderemos compreender a benzeção enquanto terapêutica de cuidado. Um dos aspectos muito peculiares na influência da religiosidade é a fé proporcional para a fé em um ser superior. Neste artigo procura-se fazer uma reflexão a cerca desta prática considerando as fala das benzedadeiras e dos usuários e também dos referenciais teóricos utilizados.

**Palavras chave:** Existência, transcendência, espiritualidade, saúde, benzeção.

## The BENZEÇÃO WHILE MODE CAUTION: a reflection from the practices of healers in Alagoas

### Abstract.

While the science moves forward with new technological discoveries is every more difficult the access of most of the population to such discoveries. At the same time this same population looks for alternative forms of treatment. In this search the man goes back to the sacred universe in order to find answers to assist their needs unmet, and in the sense of additional forms of treatment. Among these alternative forms of treatment it is the benzeção. A peculiar form of treatment that today is present among the people. If on one side the science comes cold and distant, for other, the care for the benzeção comes for the individual as a warm world that welcomes him and it protects him, offering answers to the questions that the individual doesn't get to find in the science and in the technology. It is a treatment through prayers that awakens in mana spiritual living, taking his fills out the gaps of his existence, starting from the relationship with the transcendent. It is the faith in something that transcends it. Only understanding the construction of the process health- disease, under the optics of the religion, in a globalized and technological world, of frequent changes and triggering of social and emotional instabilities, that we can understand the benzeção while care therapeutics. One of the very peculiar aspects in the influence of the religiosity is the proportionate faith for the faith in a superior being. This article seeks to make a reflection about this practice considering the speech of quacks and users and also the theoretical frameworks used.

**Key words:** Existence, transcendence, spirituality, health, benzeção.

## 1- A sociedade moderna e as questões geradoras de crise de sentido

O eixo principal da sociedade moderna é a ciência e seu correlato: a técnica. Tal modelo de estruturação teve como consequência uma série de modificações, sentidas em todos os aspectos da vida em sociedade. Na contemporaneidade os avanços tecnológicos foram tão significativos que, de acordo com Brüseke, passou a ser denominada modernidade técnica.

A técnica está presente e modificou todas as áreas da vida contemporânea de uma maneira que nossa época pode ser denominada sem problemas: modernidade técnica. Este conceito não desvaloriza sumariamente as concepções político-culturais da modernidade, mas relega-as àquilo que sempre foram: projeções de uma esperança, derivada da história europeia real, que queria realizar a “razão” na história universal. De fato, o projeto inacabado do iluminismo tornou-se o torso das lutas culturais da Europa ocidental e central; lutas tanto contra tradições internas como externas. No entanto, a modernidade tinha e tem também outras possibilidades do que acelerar tecnicamente a idéia da emancipação (2002, p.12).

Gadamer nos diz que técnica é um conceito grego, que significa a forma própria de um saber teórico, e trazemos aqui sua aplicação para a medicina, através da diferenciação entre o saber técnico científico do médico e o saber popular da benzedeira. Neste caso específico, a atuação do médico é a aplicação prática de um saber teórico. Este saber o habilita a ser-capaz-de-fazer, e o saber da benzedeira é proveniente da tradição, da cultura, não possuindo portanto qualquer comprovação científica.

O conceito de “techné” é uma criação peculiar da mente grega, do espírito da história, da livre prospecção pensante em relação às coisas do logos da justificação de motivos para tudo que se considera como verdadeiro. Com esse conceito e sua aplicação a medicina aparece uma primeira decisão em favor daquilo que caracteriza a civilização ocidental. O médico não é mais a figura do curandeiro de outras culturas, revestido pelo segredo de forças mágicas. Ele se tornou o homem da ciência (Gadamer, 2011, p.40).

Segundo o mesmo autor, a ciência faculta para si o poder de fundamentar a vida social e romper com o tabu da inquestionável autoridade da tradição. A ciência procura não apenas diferenciar o saber geral que outrora vinha de uma herança por meio da tradição, como também se reveste de poder e autoridade proveniente do aprendizado adquirido a partir da teoria e da técnica. Com esse dualismo constatamos também a valorização de um tipo de saber mediante a desvalorização do outro. O conhecimento teórico valoriza o saber técnico

científico e o sobrepõe ao saber popular proveniente da cultura e da tradição. Gadamer reforça esta reflexão:

Assim se esclarece, a partir do encerramento da técnica plena, aquilo que desde o princípio foi o verdadeiro sentimento humano de “práxis”. Ele se caracteriza pela possibilidade do comportamento humano que nós designamos de “teórico”. Essa possibilidade pertence à constituição básica da práxis humana, a qual sempre formou a idéia que o poder e o saber humanos não são adquiridos somente através do aprendizado e da experiência- trata-se da emancipação dos meios para tornarem-se instrumento, o que potencializa a capacidade de aprendizagem humana e transmite seu ser-capaz-de-fazer através das gerações.... É claro que a simples relação entre o saber e o fazer, há um problema de integração. Pelo menos desde que há a divisão do trabalho, o saber humano de tal maneira que assume o caráter da especialização, a qual tem que ser aprendida expressamente. Com isso a práxis se torna um problema: um saber, que pode ser transmitido independentemente da situação da ação e, assim, passível de ser segregado do contexto prático da ação deve ser aplicado em cada situação humana. Então, o saber prático geral humano, o qual intervém de forma determinante nas decisões práticas dos seres humanos, não é separável dos conhecimentos intermediados pelo saber especializados (2011, p.23- 24).

O cientificismo produziu na sociedade uma mentalidade dominada pela razão e pela técnica, conduzindo o homem cada vez mais ao individualismo, a uma busca de prazer, satisfação de necessidades imediatas e da estabilidade social, sem muita ou nenhuma reflexão e preocupação com o coletivo. Neste quadro os valores éticos e morais, a cultura e a tradição que anteriormente serviam como reguladores da vida em sociedade perdem o seu significado e como consequência perde sua função social. A passagem de um modelo social onde os valores éticos, morais e culturais eram os pilares reguladores, para outro modelo totalmente oposto produz rupturas e gera inseguranças que levam conseqüentemente o homem a instabilidades de toda ordem inclusive emocionais fazendo-o perder suas referências, conduzindo ao vazio e a perda de sentido. Este vazio existencial e a ausência de sentido são considerados os maiores problemas do nosso tempo, além de desencadeadores de patologias características da sociedade moderna.

As transformações sociais denominadas por alguns teóricos de secularização trouxeram profundas mudanças no modo de ser e de viver. Mudaram-se os valores sociais, éticos, estéticos, e morais de uma sociedade originalmente religiosa. Para Giovanetti (2015), esse predomínio da ciência e da técnica na sociedade atual, que ele denomina de razão instrumental passou a ser o princípio norteador da vida, mas também levou o homem a um desnorteamento:

O questionamento desse domínio da razão instrumental se dá no surgimento do espírito niilista, que tem como característica fundamental a aposta na dimensão do prazer e o deixar de lado os fundamentos éticos da vida. Ora, esta é uma posição, diante da vida, que revela desnorreamento, pois a falta de referências, nos valores e ideais, propostos pela tradição faz o homem acreditar momentaneamente num determinado valor, para em seguida, esquecê-lo (2015, p. 95).

Em uma sociedade globalizada como a que estamos vivendo, as tradições, crenças e valores culturais e religiosos que compõem o sistema simbólico das organizações sociais perde a hegemonia e conseqüentemente o privilégio de regular e nortear a vida das pessoas, que em consequência passam a ser dirigidos pelo imediatismo e individualismo. Nesse contexto, onde o homem passa a ser o centro da organização social, todos os sistemas que anteriormente serviriam como eixos orientadores para a vida humana são desvalorizados. Aos poucos as relações humanas vão sendo esvaziadas, dificultando a compreensão da existência. Nessa transição de modelo social, o sentido da existência humana parece esvaziar-se ou chega até mesmo a se perder. Porém chegamos a um momento em que observamos na sociedade atual uma espécie de busca de significado, de respostas aos questionamentos humanos. Aragão comenta:

Em tempos de modernidade globalizada, com grandes possibilidades tecnológicas e enormes dificuldades de relação entre os grupos humanos e destes com a natureza, as pessoas tendem a ficar mais egoístas, no sentido de ouvir mais a própria intuição. Paradoxalmente, isso leva à busca por uma espiritualidade maior e uma melhor compreensão do significado da vida, o que pode até mesmo redefinir e ampliar os nossos limites éticos (2015, p.189).

Observa-se que nesta busca há um “retorno ao sagrado”, ao transcendente, como forma de resposta aos questionamentos humanos, não encontrados em outras esferas do viver. Sobre este aspecto Freitas e Paiva nos dizem:

Há um momento em que a alma não encontra estabilidade nas coisas costumeiras; o sentido da própria existência parece esvaziar-se quase que totalmente e qualquer contato social, ao invés de diminuir a angústia, parece abrir ainda mais a ferida. Quando os recursos pessoais falham na busca de um sentido para a existência, um novo sentido pode se manifestar e, no momento em que as forças internas sucumbem, a esperança religiosa nasce no coração do indivíduo (2012, p.93).

No âmbito da saúde, com todo inegável avanço da ciência, a precisão da instrumentalidade tem levado a diagnósticos mais rápidos e eficazes. Entretanto, mesmo com todos esses avanços ainda não se oferecem respostas ao vazio existencial. A técnica não

responde a questões de ordem emocional. Pesquisas têm sido desenvolvidas aproximando a cada dia a medicina e a religião, procurando assim relacionar a influência da religião e da espiritualidade na saúde física e emocional do homem. Entre as patologias pesquisadas estão àquelas ligadas aos sistemas imunológico, neurológico e psicológico. Filho e Sá em artigo sobre o ensino médico e espiritualidade afirmam:

Apesar do assunto ainda controverso alguns autores apontam o papel positivo da espiritualidade e da religiosidade (principalmente da oração de intercessão) em doenças coronarianas, hipertensão arterial, ansiedade, depressão, função imune e mortalidade em geral. Existem evidências que pessoas com algum tipo de espiritualidade apresentem menor incidência dessas doenças e apresentem menos complicações durante o tratamento (2007, p.276).

A espiritualidade é uma das maneiras que o homem possui de recorrer à busca de respostas para o vazio. O homem recorre à espiritualidade, sem que necessariamente esteja ligado a uma denominação religiosa específica. Os grupos religiosos por sua vez vivenciam a espiritualidade das mais diversas maneiras. A busca agora é pelos grupos carismáticos, pela Yoga, meditação, bênçãos, celebrações de curas e libertação. Savioli afirma que:

O envolvimento religioso ou espiritual é uma das grandes forças que atuam no mecanismo de defesa contra o estresse crônico, podendo ser excelente no auxílio à prevenção ou combate de inúmeras moléstias e também no aumento da expectativa de vida (2007, p.282).

## **2- Importância da religião e espiritualidade na sociedade atual.**

Todas as sociedades humanas são originalmente organizadas em torno de uma relação com o transcendente por meio de diversos rituais. Esta relação era elemento de destaque nos diversos modelos sociais além de fornecedora de diretrizes para a vida humana. Portanto podemos considerar que a religião sempre possuiu uma relevância social e que a espiritualidade também possui um papel de destaque nas questões existenciais e na relação com o outro.

Vale inicialmente fazer uma diferenciação entre religiosidade e espiritualidade. Por espiritualidade, entende-se a conexão com o universo, o divino, o sagrado e o transcendente. Necessariamente, possuir uma pertença religiosa não indica que o indivíduo possui uma relação com o transcendente. A espiritualidade é uma experiência individual e pessoal, mais ligada aos aspectos emocionais e à realização existencial. É uma vivência íntima

entre o homem e o sagrado, pessoal e intransferível. Essa vivência pode se dar com maior ou menor intensidade, variando de acordo com a fé e a vivência de cada um. A fé é algo necessário à vida dos indivíduos. Aragão nos diz que sem um pouco de fé é impossível defender os valores.

Precisamos de uma nova ótica científica, que não separe os nossos corpos e subjetividades dos nossos objetos de conhecimento e de ensino, que inclua nas pesquisas também aquilo que falta aos corpos para que tenham vida: sopro, espírito, relacionamento. Em suma, é muito difícil ética sem mito e mística, sem reverência pelo mistério que o real esconde, sem envolvimento com todos os sentidos dos nossos corpos – até mesmo a sua dinâmica poética e espiritual. Sem um pouco de fé e amor, nada tem lá muito valor nem é possível defender muitos valores (2015, p. 184).

Diante de um mundo tão dinâmico, instável, como já dissemos anteriormente, tanto a religiosidade quanto a espiritualidade se apresentam como possibilidades de devolver ao homem a sua plena humanidade. Este “retorno ao sagrado” possui a capacidade de desprender o homem em direção ao outro e com isso reverter à situação de individualismo e instabilidade que a modernidade técnica produziu. De acordo com Giovanetti, a religião possui uma força organizadora da experiência humana.

A religião se apresenta como uma força capaz de reverter essa situação, de apresentar ao homem uma saída para a vivência da exterioridade, para encontrar um caminho de superação de seu mundo interior. Evidentemente, essa saída de si pode ser feita por outros meios, como, por exemplo, a busca e vivência da liberdade, do amor e da fé (2015, p. 107).

A religiosidade se apresenta por meio da pertença religiosa, viver de acordo com a doutrina de determinada denominação religiosa. Participar de cultos e celebrações. Porém nem todos que tem vivência religiosa, possuem uma vivência espiritual.

### **3- Metodologia**

Propomos a realizar uma pesquisa de natureza qualitativa numa perspectiva fenomenológica existencial, buscando compreender o tratamento com benzedeiros enquanto modo de cuidado. De acordo com Minayo (1998, p. 21), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos e aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações que não podem ser reduzidas a operacionalização de variáveis.

A amostra foi realizada de forma intencional, pois trata-se de um grupo de pessoas que foram convidadas a participar da pesquisa dada a importância e envolvimento que possuem com o tema a ser pesquisado. Especificamente nesta pesquisa os participantes da pesquisa foram benzedoras e pessoas que se utilizam de seus serviços, num total de 05 colaboradores benzedoras e 05 usuários de seus serviços. A pesquisa foi desenvolvida no município de Maceió e em outros municípios da região metropolitana.

Os instrumentos foram à narrativa, na ótica de Walter Benjamin e o diário de campo da pesquisadora. São a experiência das benzedoras e das pessoas que recorrem a benção os principais instrumentos desta pesquisa, pois as experiências são comunicáveis. A verdadeira narrativa possui uma dimensão utilitária que pode ser um ensinamento ou uma sugestão prática de vida.

No diário de campo, foram registrados observações e sentimentos vivenciados durante as narrativas, o não dito, enfim como a pesquisadora se viu afetada em seu envolvimento no campo.

O anonimato foi garantido aos colaboradores, através da organização de fichários em ordem numérica. Os dados colhidos, a partir dos instrumentos já citados, ficarão sob a guarda da pesquisadora por tempo ilimitado, farão parte de um banco de dados, que além desta pesquisa, poderão ser destinados à produção de materiais de educação em saúde, bem como a produção de artigos sobre esta temática.

Para análise dos dados colhidos, foi utilizada a Hermenêutica Filosófica de Gadamer, que toma a compreensão como uma condição constitutiva do próprio poder-ser do homem. A hermenêutica filosófica de Gadamer se transformou num procedimento que supera os universalismos. Considera a historicidade do interprete partindo do pressuposto que a própria verdade é histórica. Na interpretação o individuo está situado no horizonte da obra ao que chamamos de “círculo hermenêutico”. Sobre o círculo hermenêutico Gadamer diz:

Nele vela uma possibilidade positiva do conhecimento mais originário, que, evidentemente, só será compreendido de modo adequado, quando a interpretação compreendeu que sua tarefa primeira, constante e última permanece sendo a de não receber de antemão, por meio da “feliz idéia” ou por meio de conceitos populares, nem a posição prévia, nem a visão prévia, nem a concepção prévia (Vorhabe, Vorsicht, Vorbegriff), mas assegurar o tema científico na elaboração desses conceitos a partir da coisa mesma. (1999, p.401)

O círculo se refere ao movimento de rotação entre uma parte de um texto e seu significado. O significado ou elucidação na fusão de horizontes, que seria o diálogo a partir da relação entre o interprete, a tradição e a obra. O referencial teórico diz respeito a Fenomenologia Existencial de Heidegger, a partir de sua concepção de cuidado.

Os resultados da pesquisa resultaram em uma narrativa final, construída, a partir do diálogo entre os participantes, a pesquisadora e o referencial teórico, que embasou a pesquisa em uma perspectiva e fusão de horizontes.

#### **4- Espiritualidade e Benzeção**

No caso específico de nossa pesquisa, onde as pessoas buscam a cura pela benzeção mesmo estando em tratamento médico, procurou-se compreender o que as leva a esta procura, o que nos conduziu aos estudos de Berry (2004) sobre pesquisas interculturais. Berry afirma que encontramos dois eixos de intersecção que conduz a aculturação. Estes eixos dizem respeito à manutenção da identidade e ao relacionamento entre os grupos culturais e estão presentes em nossa sociedade que transita entre os valores da modernidade e da tradição.

Esse modelo, denominado de “aculturação” leva em conta dois eixos, de cuja intersecção resulta um particular modo de “aculturação”. O primeiro eixo diz respeito à manutenção da cultura e identidade cultural; o segundo considera a busca de relacionamento entre os grupos culturais. Ao longo do primeiro eixo, podem-se registrar os graus extremo ou mínimo de manutenção da identidade cultural por parte do grupo não dominante. Ao longo do segundo eixo, pode-se igualmente registrar o máximo ou o mínimo da busca de relacionamento por parte desse grupo com o grupo dominante. Dessa intersecção resultam quatro modalidades de “aculturação”: Integração, Assimilação, Separação, Marginalização (2004, p. 143).

Da intersecção entre os dois eixos surgem quatro modalidades que estão presentes tanto na fala das benzedoras quanto dos usuários da benzeção. Podemos constatar as modalidades: aculturação, assimilação, separação e marginalização. Procura-se não apenas manter a tradição mais também integrar as práticas de cuidado. Observamos modalidade de marginalização no momento em que se nega o conhecimento e a eficácia da benzeção. A separação, quando dualiza-se o saber do médico e o da benzedora. A assimilação e integração nos momentos em que pesquisas procuram aproximar os saberes de ambos.

As respostas iniciais apresentam uma espécie de retorno às tradições culturais e religiosas, como exemplo: “A minha família sempre se tratou com benzedeadas” afirma o (usuário 02), ou “desde criança que minha família me leva à benzedeadas e eu hoje levo meus filhos” (Usuário 01), ou “quando não me sinto bem, eu vou à benzedeadas”, nos disse informalmente uma religiosa enquanto conversávamos sobre esta pesquisa.

Observamos que as respostas são as mesmas, independente da classe social, da formação intelectual ou acadêmica ou mesmo religiosa das pessoas que procuram a benzedeadas enquanto cuidado. Encontramos nas pessoas desde as mais simples às mais bem estabelecidas socialmente nas residências das benzedeadas pesquisadas. Entre os entrevistados estão: donas de casa, professores, advogados, psicólogos e até religiosos.

Outro aspecto observado é que o restabelecimento da saúde é relatado de tal forma que o primeiro aspecto é a sensação de bem estar: “me sinto melhor assim que saio daqui” (usuário 03), ou “meu filho já saiu daqui mais animadinho” (usuário 04). Há ainda o relato de um dos entrevistados que relatou uma enxaqueca constante, e que depois de ir à benzedeadas durante os três dias conforme solicitado, ela havia desaparecido. Ainda no relato, a pessoa afirmou que o atendimento apresenta aspectos diferenciais desde a recepção: “ela perguntou se eu tinha fé. Foi atenciosa e acolhedora, me ouviu” (usuário01).

As explicações de cada um dos entrevistados variam de acordo com as crenças que possuem a respeito da benzedeadas, ou no benefício que esperam para as questões existenciais, ou ainda da resposta encontrada para o mal que o aflige no momento em que busca a benzedeadas. As respostas apresentadas nos conduzem a uma reflexão acerca de

A vontade de sentido orienta para uma realização de sentido, a qual acaba por prover uma razão para se ser feliz. Com uma razão para se ser feliz, a felicidade surge automaticamente como efeito colateral (Frankl,1988, p. 270).

A relação estabelecida com o transcendente envolve não apenas o eu, mas estabelece uma relação com o outro e com o seu meio, sendo este um fator fundamental para a existência humana. Sobre isto consideremos o que nos diz Frankl:

A autotranscendência assinala o fato antropológico fundamental de que a existência do homem sempre se refere a alguma coisa que não ela mesma - a algo ou a alguém, isto é, a um objetivo a ser alcançado ou à existência de outra pessoa que ele encontre. Na verdade, o homem só se torna homem e só é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma

tarefa, quando se esquece de si mesmo no serviço a uma causa, ou no amor a uma outra pessoa. É como o olho, que só pode cumprir sua função de ver o mundo enquanto não vê a si próprio (1991, p. 18).

Refletindo sobre a espiritualidade, e a permanência das benzedadeiras na sociedade atual, em um tempo de medicina altamente tecnológica destacamos os seguintes fatos: as benzedadeiras existem tradicionalmente em diversas sociedades, deste a Idade Média e praticam a arte do cuidado por meio de rezas, orações e devoções. Tomam para si esta tarefa como uma missão, um dom, uma forma de se dedicar ao outro, e ainda procuram vivenciar sua espiritualidade por meio de orações e de sua prática e de sua ligação religiosa, que se dá por meio de orações, devoções e rituais, não importando aqui o tipo de pertença religiosa.

A benzeção é um ritual religioso cheio de simbolismo. Este simbolismo possui eficácia no alívio dos sintomas. Sabe-se que culturalmente o símbolo possui um poder e esse poder oferece diversas respostas aos vários questionamentos dos indivíduos, de acordo com a cultura a que pertencem. Entretanto Quintana comenta que:

O símbolo não pode existir num indivíduo isolado, pois requer uma convecção social que o homologue. Desta forma, esse símbolo sempre vai estar articulado num sistema inteligível. Não é qualquer símbolo que pode produzir efeitos: somente aqueles aceitos pelo grupo cultural ao qual pertence o doente é que terão essa capacidade. Desse modo, o símbolo sempre vai estar integrado num sistema de crenças (1999, p. 48).

Estes aspectos ajudam a compreender o papel desempenhado pelas benzedadeiras na atualidade, no auxílio daqueles que as procuram, considerando o cabedal variado de vivências religiosas e espirituais que encontramos em nossa sociedade. As benzedadeiras fazem parte da tradição cultural e religiosa de nosso povo. Ir à benzedeira é da mesma forma como ir à cura e libertação, ao grupo de oração ou à meditação, uma forma, uma necessidade de vivenciar sua espiritualidade, de estabelecer sua relação com o transcendente e nele buscar as respostas para as questões de sua existência:

A auto realização não constitui a busca última do ser humano. Não é sequer sua intenção primária. A auto realização, se transformada num fim em si mesmo, contradiz o caráter autotranscendente da existência humana. Assim como a felicidade, a auto realização aparece como efeito, isto é, o efeito da realização de um sentido. Apenas na medida em que o homem preenche um sentido lá fora, no mundo, é que ele realizará a si mesmo. Se ele decide realizar a si mesmo, ao invés de preencher um sentido, a auto realização perde imediatamente sua razão de ser (Frankl, 1988, p. 38).

## 5- Ofício ou missão de benzedeira

Em várias situações o homem utiliza-se de rituais. É um tipo de linguagem celebrativa para diversos momentos de sua vida. Para cada momento há um ritual que varia de acordo com sua cultura e tradição. Eles podem ser sagrados ou profanos, fazem parte da história humana, possuem importância social. Segundo Guilouski e Costa (2012, p. 93): “Os rituais são compostos por uma série de ritos. Podem ser de caráter religioso e não-religioso”.

O ritual da benção é considerado um “ritual de cuidado terapêutico”. De caráter religioso pelo qual o homem busca a cura de doenças físicas, mentais e/ou espirituais. De acordo com Fernandes (2011, p.17) “O cuidado terapêutico possibilita ao corpo recompor-se e deixa-o retomar seu vigor originário, sua saúde.” Assim como todo ritual a benção é composta entre outros aspectos por uma série de gestos e orações recitadas pela benzedeira, com o propósito de conduzir a terapêutica de cura, por meio de uma experiência com o sagrado. Sobre o ritual Guilouski e Costa (2012, p.95) nos dizem: “Nessa linguagem os símbolos substituem as limitadas palavras. O ritual religioso pode propiciar ao indivíduo adentrar na profundidade do seu sentimento e realizar a experiência do sagrado”.

Este ritual é realizado com um enorme compromisso e responsabilidade pelas benzedeiros. Tal compromisso é tomado como uma missão que carregam consigo. O que torna quase impossível que exerçam outra atividade, pois doam-se totalmente aos afazeres ligados à benção de tal modo que o seu viver e fazer torna-se parte do que ela é, ao mesmo tempo a identifica e é identificada pelo que faz. Neste sentido Fernandes assim o diz:

Nós ocupamos o nosso tempo, nos ocupando com as coisas, isto é, tomando-as, agarrando-as, trazendo-as para dentro da envergadura do nosso cuidado, tornando-as assim, familiares de nosso mundo. O nosso cotidiano é, por isso, feito de afazeres. Isto se dá até o ponto em que passamos a ser identificados com aquilo que fazemos. Com efeito, no cotidiano nos definimos a partir daquilo de que nos ocupamos. Cada um tem o seu negócio seu ofício, sua profissão. E passa a compreender o seu ser-no-mundo a partir das perspectivas abertas pelas suas ocupações (2011 , p. 24).

A arte de benzer é compreendida pelas benzedeiros não apenas como um ofício, mas sim como uma missão, como já comentamos acima. O termo ofício aqui é compreendido por missão, sacerdócio, algo que vai além do que é exercido apenas profissionalmente. Portanto quando nos referimos a que benzedeira exerce o ofício da benção estamos dizendo que ela carrega consigo a missão de benzer. A benzedeira

01 começou a benzer e fazer partos aos 12 anos de idade faleceu com 114 e exerceu a missão até pouco tempo antes de sua morte. Em seu relato nos disse que “não fiz outra coisa na vida, não dá tempo, sai um chega outro e agente não pode negar a palavra de Deus”. A benzedeira 02 começou a benzer aos 15 anos e o fez até próximo de sua morte que aconteceu aos 81 anos de idade. Elas não tomam benzeção como uma profissão, mas sim a exercer como doação, como entrega. Vida entregue a servir ao outro que necessita de ajuda, de conforto nos momentos de doença física e emocional. A preocupação com a acolhida, com a fé, o ouvir, o respeito e o tratamento igualitário são algumas das características que elas apresentam.

O ofício de benzedeira advém de uma herança, de uma tradição, e de um conhecimento transmitido oralmente de geração em geração e que garante a sobrevivência da prática da benzeção até os dias atuais. É um saber e um fazer. Tipo de conhecimento que a instrumentalidade técnica não conseguiu abarcar. A forma como é praticado e transmitido continua a mesma desde séculos. Priore (1997) aponta que no Brasil colônia as pessoas já recorriam ao curandeirismo e a utilização de medicamentos caseiros por vários motivos, dentre eles a carência de profissionais. Como os nativos possuíam conhecimento, eram respeitados e a eles o povo confiava sua saúde.

Na colônia era melhor tratar-se a gente com um tapuia do sertão, que observa com mais desembaraçado instinto, do que com médico de Lisboa, desabafava, em fins do século XVIII, o bispo do Pará, dom Frei Caetano Brandão. A razão dessa preferência é que a maioria dos profissionais de então revelava uma insuficiência formação escolar e estava alheia aos avanços da medicina. Raros eram os dotados de cultura humanística; daqueles que vinham de Portugal para cá, a maioria sentia-se no exílio, ansiosa pelo retorno à metrópole. O curandeirismo foi, assim, um mal provocado pela necessidade, um tipo de medicina prática na base de conhecimentos vulgarizados, popularizados, adquiridos através do empirismo (Priore, 1997, p. 88).

A mesma autora comenta que o trabalho da benzedeira no período do Brasil colônia era descrito como cura informal ou operação mágica. Isto porque neste período a doença era concebida como fruto de ação sobrenatural sobre o corpo dos homens. Dessa forma os tratamentos eram realizados com a utilização de orações, plantas, gestos, amuletos e rituais pagãos e com isso sofriam repressão das forças religiosas da época.

Nesse universo pobre de conhecimento científico e amplamente rico em conhecimentos populares misturavam-se os saberes populares, indígenas e africanos. Somava-se também a estes, os saberes trazidos pelos colonizadores europeus. Assim essa tradição

creceu, se fortaleceu e sobreviveu a toda evolução da sociedade com as mesmas particularidades. Em sua narrativa, um dos colaboradores da pesquisa, hoje com mais de 80 anos de idade, aqui denominado de usuário 02 nos relatou o seguinte fato: “Quanto eu tinha mais ou menos 15 anos, na minha juventude, minha família morava em Portugal, meu irmão foi acometido do que o povo chama de vermelhão (erisipela) com muita febre. Febre alta mesmo. Meu pai foi buscar uma benzedeira da região. Ela realizou a cura com galho de arruda e azeite. No dia seguinte, meu irmão estava melhor, a perna mais desinchada e sem febre. Acho que essa foi a minha primeira experiência com benzedeira”.

Ainda neste contexto de mistura de saberes indígenas, africanos e europeus, outro relato nos foi concedido pela usuária 05, que não só acredita nos benefícios da benzeção como relata a experiência de sua família com a benzeção. “Nasci prematura e minha mãe teve problemas de saúde de modo que fiquei com minha avó por muito tempo. Eu era tão pequena que o berço se tornava imenso. Então ela pegou uma caixa de sapato do meu tio e forrou com algodão, arrumou bem direitinho e colocou um abajur perto como forma de me aquecer. Minha família possuía muitas terras e escravos. Porém meu avô era abolicionista libertou todos os escravos e muitos permaneceram com eles. Minha avó, falava francês, tocava piano e pintava, era muito culta. Ela aprendeu a benzer com uma negra que mesmo depois de liberta permaneceu vivendo com a família. A negra de nome Luiza lhes ensinou os segredos da arte da benzeção. E minha avó aprendeu e benzia não só as pessoas da família como outras pessoas que procurava.” E assim a senhora de família nobre que aprendeu os dotes das artes européias também aprendeu com os escravos a arte da benzeção e exerceu sua missão não apenas entre os membros da família, mas também com outras pessoas. Era o conhecimento fazendo o caminho inverso para a época. Agora vai da senzala à casa grande. Vemos também aqui a importância da circunvisão (*Umsicht*) do mundo e o mundo circundante (*Umwelt*). Onde experimentamos, significamos e damos significado às coisas que nos cercam. Fernandes (2011, p.23-24), comenta:

O nosso *mundo circundante (Umwelt)* se abre, desta maneira, como a *tessitura familiar dos usos e costumes*, em que nós experimentamos a significância, isto é, o significado, a importância, o valor e o sentido de cada coisa. Todo ente que encontramos dentro do mundo, na lida de nossas ocupações, tem uma serventia, e se insere na tessitura de para quês. Mas, por sua vez, tudo quanto tem serventia e utilidade remete, em seu *para quê último*, a nós mesmo; ao cuidado com o nosso mundo que é em última instância, o cuidado como o nosso *ser-no- mundo*.

O trabalho da benzedeira torna-se conhecido e divulgado através daqueles que já foram em busca da benzeção, que relatam e indicam aos amigos e conhecidos sobre os dons da benzedeira e os resultados obtidos por meio da benzeção. É o popular e conhecido boca a boca. E assim o trabalho da benzedeira chega a outros bairros e até as outras cidades.

Destacamos aqui a missão da benzedeira 01, de 114 anos (falecida no decorrer da pesquisa). Seu trabalho como benzedeira e parteira era conhecido não apenas em sua cidade natal, mas em toda região, chegando a receber o título de patrimônio vivo de Alagoas. Descendente de escravos, pobre, simples, analfabeta, era considerada mestra na arte da benzeção. Exerceu sua missão durante toda sua vida até poucos dias antes de morrer. Sua morte foi noticiada em todos os jornais levando uma verdadeira multidão ao seu sepultamento. Chamou-nos atenção à suavidade com que se dirigia a quem atendia. Em alguns casos a pessoa chegava chorando, apresentando a ela suas queixas. Ela fazia questionamentos a respeito de sua fé, se rezava se possuía uma religião. Em seguida realizava a benzeção, e depois dava algumas orientações, tais como fazer orações todos os dias e ter fé em Deus. Pedia então para voltar dois dias após a consulta. A pessoa atendida afirmava que se sentia melhor e relatava na ocasião uma sensação de bem estar.

Ela (benzedeira 01) realizava a benzeção com ramos verde de diversas plantas. Quando questionada sobre o cultivo, nos informou que algumas são cultivadas no quintal de sua casa e outras encontradas no mato. Disse ainda que orientava para que “tire os ramos, mas não retire a planta com a raiz, para que assim possa conservar a espécie” no sentido de cuidado também com o mundo que estava a sua volta e do qual precisava para continuar sua missão. Pode-se observar que em alguns casos ela pedia a sua filha, especificamente esta ou aquela erva que iria usar para benzer. Em alguns casos utilizou arruda, pinhão roxo ou folhas de jurema. Porém não nos revelou o porquê do motivo da escolha. As pessoas que a procuravam, afirmava que a cura acontecia pela força da oração.

O cultivo das ervas utilizadas na benzeção é feito ao redor da casa, reforçando a idéia de círculo. As formas circulares que tem uma relação muito próxima com os rituais das deusas pagãs.

Ainda hoje as benzedeiros estão presentes em todos os municípios do Estado de Alagoas. Desde a capital até os locais mais distantes, no interior do estado. Outra característica importante de importante registro, é que quase todos os participantes da

pesquisa já possuíam algum membro da família que realizava a benzeção, e que por sua vez já contam com alguém, filho ou netos, que demonstravam interesse em dar continuidade à tradição. Outra benzedeira participante da pesquisa em sua narrativa nos disse que sua neta que atualmente tem 25 anos de idade apresentou o desejo de continuar o ofício. Necessário se faz destacar que neste caso, diferente das outras participantes, esta benzedeira possui o segundo grau completo, é funcionária pública aposentada e sua neta possui formação superior. Contrariando as características da maioria, estes são aspectos novos a serem considerados. Se antes eram conhecimentos restritos a um grupo de pessoas na sua maioria analfabetas, este quadro começa a apresentar mudanças. A benzedeira 01 também tem um filho que deu continuidade a prática da benzeção, o que significa a continuidade dessa arte, missão ou ofício.

## **6- Mística e cuidado pela benzeção**

A mística está ligada às coisas divinas, à espiritualidade. O mistério é tudo que é desconhecido, é incompreensível ou inexplicável. O trabalho da benzedeira envolve uma mística e um mistério. Aragão nos diz que:

Mistério não equivale a enigma que decifrado, desaparece. Mistério designa a dimensão de profundidade que se inscreve em cada pessoa, em cada ser e na totalidade da realidade, e que possui um caráter definitivamente indecifrável. (2015, p.185)

A mística está em sua vivência, na sua espiritualidade, na sua ligação com o transcendente. Todas as benzedeadas participantes da pesquisa possuem uma intensa vivência espiritual. O mistério envolve aquilo que está oculto, que não é revelado. Este mistério está presente no murmúrio das orações que fazem em tom de voz cada vez mais baixo. Quanto mais se fica atento, menos se entende. A pessoa sob a benzeção se desliga do que acontece ao seu redor, sintonizando com o seu corpo e com a sua própria respiração. O que ocorre é semelhante ao estado meditativo.

A benzeção é realizada com ética, seriedade, respeito ao outro e a sua individualidade por parte da benzedeira. Por parte das pessoas que buscam a benzeção, há demonstração de respeito pela benzedeira e pelo ritual. Seriedade, envolvimento, respeito são características que foram observadas durante o ritual em todos os casos pesquisados. O silêncio durante a realização é quase que total e não necessita ser solicitado. Idêntico ao se adentrar em um

ambiente sagrado em que o silêncio é ordem e sinal de respeito, assim é o ambiente durante a realização da benzeção.

Podemos falar de um cuidado amoroso com ética, fé, amor e valores. A benzeção é um bem cultural e um valor espiritual, que vem perpassando de geração a geração que envolve sentidos e sentimentos humanos.

Benzeadeira e benzeção envolvem e são envolvidas pela mística e pelo mistério do ritual de modo que não se pode falar apenas de um ou de outro. E isso exige o cuidado que vai do cultivo e da atenção as ervas que são utilizados durante o ritual. O mesmo cuidado é dado ao ambiente e conseqüentemente as pessoas envolvidas. O ser-no-mundo é um ser para-a-morte, essencialmente cuidado. Neste sentido o ser benzeadeira é um ser-no-mundo, um ser-com-os-outros. Este ser é em sua disposição cuidado.

Em geral o ambiente onde se realiza a benzeção é na sala da casa da benzeadeira, próximo a um altar, elemento presente nas residências de todas as benzeadeiras participantes da pesquisa. No altar, devidamente arrumado e adornado com flores naturais e com velas sempre acesas, estão às imagens dos santos católicos de sua devoção. Toda ambientação conduz a um acolhimento, de caráter religioso, feito por ela para aqueles que chegam a sua residência. A acolhida se inicia com um diálogo sobre questões gerais, seguida de questionamentos sobre a vida e por fim o motivo da procura. Após o ritual, na maioria dos casos seguem as orientações e cuidados. Algumas vezes orienta a tomar algum chá, banho e há ainda os casos dirigidos ao médico. Assim dizem: “isso não é para mim, fiz a minha parte, mas é doença de médico” (Benzeadeira 01).

Na residência da benzeadeira 05 participante da pesquisa, que fica localizada em uma fazenda um pouco distante da cidade, pode-se observar toda riqueza de detalhes do trabalho realizado. Das ervas ao redor da casa, a horta no quintal, de onde ela retirou verduras que serviu no almoço, ao momento da acolhida e realização do ritual. Durante o momento em que os pesquisadores estavam presentes chegaram algumas pessoas solicitando a benzeção. Após o ritual, apesar da simplicidade todas foram convidadas a permanecer para o almoço. O convite foi feito com tamanha autoridade que seria uma ofensa não atender e, assim, ficamos para almoçarmos todos juntos.

Como podemos observar o trabalho da benzedeira não se dá apenas no momento da benzeção. Ele é realizado a todo o momento. As mesmas dedicam a sua vida a sua missão, ou melhor, fazem da missão sua própria vida, pois esta missão só termina com sua morte.

A terapêutica de cuidado praticada pelas benzedeiças encontra-se dentro de um contexto cultural, que durante muito tempo, de acordo com a necessidade de cada região era o único conhecimento utilizado no cuidado com a saúde da população. Foi e ainda permanece na qualidade de conhecimento popular, embora com a evolução da medicina, alguns aspectos desse conhecimento já estejam incorporados à prática médica, como é o caso das ervas, hoje amplamente utilizadas pela homeopatia.

### **Considerações finais**

Quais fatores podem explicar que senhoras na sua maioria analfabetas guardem uma herança cultural milenar e a transmitam com tamanha segurança que garantam a sobrevivência deste saber? Talvez o modo como se entregam a sua tarefa, com alegria, amor ao outro que sofre, com o sentido da historicidade que carregam consigo. Com isso retomam a relação com a práxis que a ciência moderna acreditou estar perdida na história.

O canto de sereia da ciência terminou por criar a ilusão de um poder onipotente. O homem não precisa mais de Deus, da espiritualidade ou do transcendente. Ele se basta a si mesmo. O esvaziamento de valores e sentido que se seguiu produziu vazio e perplexidade.

A sobrevivência da prática da benzeção nos mostra que o homem vive uma espécie de retomada da tradição e dos valores que a ciência e a técnica não conseguem atender.

Apesar de existirem atualmente uma quantidade bem menor de benzedeiças, a prática da benzeção continuará existindo enquanto modo de cuidado. Esta sobrevivência é garantida por meio da transmissão que se dá através da oralidade para algum membro da família que possua além do dom para a missão, a característica fundamental de saber ouvir.

Saber ouvir como pudemos aprender com a experiência desta pesquisa é também se esquecer de si próprio, é aproximar-se do transcendente que o outro me traz, no aparente paradoxo do ser-no-mundo-com-os-outros, amalgamado na historicidade de nossa existência.

Somente assim poderá ouvir as narrativas de vida e da sua prática, e principalmente suas orações, que é o mais importante para o ritual. Quem procura uma benzedeira sempre retorna, cria um vínculo, estabelece uma relação que faz com que retorne sempre que necessite. Assim, elas seguem cuidando da vida e garantindo a permanência deste saber.

## REFERÊNCIAS

- Aragão, G. (2015) Religião, Educação e Ética In: Vitorio, J. Burocchi, A. M. Org. *Religião e Espaço Público: Cenários Contemporâneos*. São Paulo, SP: Paulinas.
- Benjamin, W. (1989). *Obras Escolhidas*. 2ª.ed., v.3. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Benson, H. Stark, M. (1998). *Medicina Espiritual: O poder essencial da cura*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Campus.
- Boff, L. (1999). *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Borges, V. Almeida, T. M. C. Freitas, M. H. (2012). Experiência Religiosa e Consciência Mística: James e Jung Revisitados In: Freitas, M. H. Paiva, G. J. *Religiosidade e Cultura Contemporânea desafios para a psicologia*, Brasília, DF: Universo.
- Bruseke, F.J. (2012, Junho) *A modernidade técnica*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, SP.
- Fernandes, M. A. (2011). In. Peixoto, A. J. Holanda, A. F. (Coords.) *Fenomenologia do cuidado e do cuidar: Perspectivas multidisciplinares*. Curitiba, PR: Juruá.
- Frankl, V. E. (1988). *The will to meaning*. New York: Meridian Books. (Trechos neste trabalho traduzidos por Ivo Stuart Pereira)
- Frankl, V. E. (1991). *A psicoterapia na prática* (C. M. Caon, trad.). Campinas, SP: Papirus.
- Frankl, V. E. (2003). *Psicoterapia e sentido da vida* (A. M. Castro, trad.). São Paulo, SP: Quadrante.
- Filho, V. P. D. Sá, F. C. de. (2007, Abril/Junho). *Ensino Médico e espiritualidade*. *Revista o mundo da saúde* (n.º 31), pp. 273-279.
- Gadamer, H. G. (2011). *O caráter oculto da Saúde*, 2ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gadamer, H. G. (1997). *Verdade e Método*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Gagnebin, J. M. (1994). *Historia e narração em Walter Benjamin*, Campinas, SP: Perspectiva.
- Giovanetti, J. P. (2015). *A Religião como força organizadora da subjetividade na contemporaneidade* In: Vitório, J. Burocchi, A. M. (Org.) *Religião e Espaço Público: Cenários Contemporâneos*. São Paulo, SP: Paulinas.
- Guilouski, B. Costa, D. R. D. da. (2012, Agosto) *Ritos e Rituais. II JOINTH Subjetivação contemporânea e religiosidade*. PUCRS.
- Heidegger, M. (2012). *Ontologia (Hermenêutica da facticidade)*, Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e Tempo*, Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- Inwood, M. (2004). *Heidegger*. São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Lawn, C. (2011). *Compreender Gadamer*. Petrópolis, RJ. Vozes.
- Minayo, M. C. de S. (2010) *O Desafio do conhecimento*. 12<sup>a</sup>. Edição. São Paulo,SP: Ed. Hucitec.
- Minayo, M. C. de S. (1993) *O Desafio do Conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo, SP: Hucitec / Rio de Janeiro, RJ: abrasco.
- Oliveira, E. R. (1985). *O que é benzeção*. São Paulo, SP: Brasiliense. 12
- Paiva, J. G. (2005, Julho) *Psicologia e espiritualidade. Revista Magis - Cadernos De Fé E Cultura* (47).
- Perrot, M. (2007) *Minha história de mulheres*. São Paulo, SP: Ed. Contexto.
- Pompa, C. (2003). *Religião como tradução: missionário, tupis e "tapuias" no Brasil colonial*. Bauru, SP: Edusc.
- Priore, M. (1997). (Org.), *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, SP: Editora Contexto.
- Quintana, A. (1999). *A ciência da Benzedura*. São Paulo, SP: Cortez.

- Rohden, L. (2005). *Hermenêutica filosófica*. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos.
- Savioli, R. M. (2007, Abril/Junho). *Oração e cura – fato ou fantasia? Revista o mundo da saúde 31*. pp. 281-289.
- Benjamin, W. (1989). *Obras Escolhidas*. 2 ed., v.3. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Boff, L. (1999). *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Brandão, (1985).C. R. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Bruseke, F.J. (2012, Junho) *A modernidade técnica*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, SP.
- Gadamer, H. G. (2011). *O caráter oculto da Saúde*, 2ª. Ed., Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gadamer, H. G. (1997). *Verdade e Método*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gagnebin, J. M. (1994). *Historia e narração em Walter Benjamin*, Campinas, SP: Perspectiva.
- Heidegger, M. (2012). *Ontologia (Hermenêutica da facticidade)*, Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e Tempo*, Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- Inwood, M. (2004). *Heidegger*. São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Lawn, C. (2011). *Compreender Gadamer*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch 1980.Druck: graph
- Lemos, C. T. *Religião e saúde: Busca de uma vida com sentido*.
- Minayo, M. C. de S. (1998). *Pesquisa Social: Teoria método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.

- Minayo, M. C. de S. (2010) *O Desafio do conhecimento*. 12ª. Edição. São Paulo, SP: Ed. Hucitec.
- Oliveira, E. R. (1985). *O que é benzeção*. São Paulo, SP: Brasiliense. 12
- Peixoto, L. F. (2002, Maio/Junho). *Saúde e doença. Fragmentos de cultura*. Goiânia, 12(03).
- Perrot, M. (2007) *Minha história de mulheres*. São Paulo, SP: Ed. Contexto.
- Pompa, C. (2003). *Religião como tradução: missionário, tupis e “tapuias” no Brasil colonial*. Bauru, SP. Edusc.
- Priore, M.D. (1997). (Org.), *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, SP: Editora Contexto.
- Quintana, A. (1999). *A ciência da Benzedura*. São Paulo, SP: Cortez.
- Rohden, L. (2005). *Hermenêutica filosófica*. RS: Editora Unisinos.
- Souza, L.M. (1987). *O diabo e a terra de Santa Cruz. Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Vainfas, R. (1985). *A heresia dos índios*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS GERAIS

Chegando ao final da pesquisa, porém sem ousar finalizar ou concluir qualquer reflexão sobre a terapêutica de cuidado das benzedeadas, porque diante do que foi conhecido, qualquer reflexão no sentido de concluir se tornaria incompleta. O campo é bastante amplo, com nuances próprias e com um caráter subjetivo que uma única pesquisa jamais seria capaz de abarcar. Portanto, fazemos algumas considerações pertinentes aos objetivos iniciais propostos nesta pesquisa: a benzeção é uma tradição no modo de cuidar que esta encarnada no modo de vida, na linguagem e nas ações das pessoas envolvidas. É algo que vai além das crenças sejam elas racionais ou irracionais. É a chave do “mundo da vida” de que nos fala Gadamer (1999, p. 358).

Ir a uma benzedeadora é algo natural, mesmo com toda evolução da tecnologia do cuidado com a saúde. Não há contradição ou competição ou conflito de interesses nem para as benzedeadas, tampouco para aqueles que buscam a benzeção. Para aqueles que buscam a benzeção, ela é um tipo de tratamento que não impede e nem interfere em qualquer outro. As benzedeadas vão ao médico e se submetem a terapêutica de tratamento por ele indicada e como já comentamos anteriormente, quando percebem que o problema de saúde não é para o tratamento com a benzeção, recomenda que a pessoa procure imediatamente o médico. A benzedeadora 02 ainda acrescentou: “foram eles que estudaram para isso”.

De acordo com Boff (1999), vivemos em um novo habitat, criado pelo mundo globalizado e virtual, caracterizado pelo encapsulamento sobre si e pela falta do toque, do contato humano. Quanto mais se desumaniza, mais o homem adoce e como consequência tem-se uma sociedade cada dia mais carente de cuidado. Em meio a desumanização, ao distanciamento, a tecnologização social observa-se uma espécie de retorno às “tradições” e a alguns modos de cuidado com menos tecnologia e mais presença, entre eles a benzeção. Vemos atualmente as pessoas recorrerem às benzedeadas sem, contudo abrir mão do aparato tecnológico oportunizado pela ciência.

Nesta pesquisa além dos fatores da fé e da crença na força da oração que explique ou justifique a procura pela benzeção, encontramos a tradição. Na fala dos colaboradores, eles procuram a benzedeadora porque a “família sempre se tratou com benzedeadas” e ainda porque “acredita na cura pela benzeção”. Para Gadamer (p. 281) “a tradição tem uma justificativa que está além do fundamento racional e, em grande parte, determina nossas instituições e

atitudes”. A tradição da benzeção é uma atividade que permanece viva através da transmissão oral de um conhecimento popular que confere ao mesmo tempo reconhecimento e autoridade a benzeadeira, pois ter “autoridade é conhecer algo e o conhecimento é tradição”. (Gadamer 1999, 279). É um tipo de conhecimento único, não acadêmico, mas que possui a força da crença e a autoridade da tradição. Ninguém a não ser as próprias benzeadeiras são detentoras desse conhecimento.

Um fator bastante relevante na prática da benzeção que foi colocado por todos os usuários é o acolhimento e a escuta. A abertura que a benzeadeira proporciona para que a pessoa se fale. A única pergunta e pedido “se tem fé” e que “rezem”. Ao mesmo tempo em que a benzeadeira realiza suas orações, elas também afirmam que quem cura é a fé. Com isso ela devolve à pessoa a responsabilidade por seu tratamento e sua recuperação.

Nem todo conhecimento adquirido e transmitido permanece invariavelmente imutável. De acordo com Lawn (2011) o conhecimento passa por um processo de re-elaboração e re-interpretação. Em uma conversa informal, uma senhora relatou que sua mãe e sua avó eram benzeadeiras. E que ela também pratica a benzeção, porém não utilizava ramos, porque o padre não aprova já que ela é ministra da Eucaristia. Ela então manteve a tradição que lhe foi passada, apenas reelaborou sua prática como afirma Law (2011).

Mas as habilidades e práticas transmitidas como parte de uma tradição, não são meramente repetidas como uma linha de produção; tudo aquilo que é transmitido está constantemente num processo de re-elaboração, re-processamento e re-interpretação. (P. 54)

Esta benzeadeira ressignificou a tradição da benzeção que recebeu de sua família, e sem entrar em conflito com a sua religião, continua a benzer. Assim a prática permanece viva. Com toda simplicidade nos falou da benzeção em sua família, que vem desde sua avó, e que ela está dando continuidade. “Não me ofereço, mas quando procuram eu faço”. Afirmou a mesma que além de ministra da eucaristia da Igreja Católica e responsável por sua comunidade.

No atual contexto social se faz necessário uma maior reflexão sobre as doenças da modernidade e das alternativas de tratamento buscadas pela população. Entre essas formas alternativas está à busca por uma vivência espiritual, uma alimentação mais natural e terapêuticas de cura ligadas a natureza e a religião. A benzeção está incluída nestas terapêuticas e seria o resgate de uma tradição secular no modo de cuidar.

## REFERENCIAS GERAIS

- Anéas, T. de V. Ayres, J. R. C. de M. (2011, Julho/Setembro). *Significado e sentido das práticas de saúde: a ontologia fundamental e reconstrução do cuidado em saúde. Interface – Comunicação, Saúde, Educação. 15 (38)*, Botucatu, SP.
- Aragão, G. (2015) *Religião, Educação e Ética* In: Vitório, J. Burocchi, A. M. Org. *Religião e Espaço Público: Cenários Contemporâneos*. São Paulo, SP: Paulinas.
- Ayres, J. R. C. de M. (2004). *O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. Revista Saúde Pública e Sociedade. 13*.
- Benjamin, W. (1989). *Obras Escolhidas*. (2 ed., v.3). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Benson, H. Stark, M. (1998). *Medicina Espiritual: O poder essencial da cura*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Campus.
- Boff, L. (1999) *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Borges, V. Almeida, T. M. C. Freitas, M. H. (2012). *Experiência Religiosa e Consciência Mística: James e Jung Revisitados* In: Freitas, M. H. Paiva, G. J. *Religiosidade e Cultura Contemporânea desafios para a psicologia*, Brasília, DF: Universa.
- Brandão, (1985).C. R. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Bruseke, F.J. (2012, Junho) *A modernidade técnica. Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, SP.
- Dias, L. G. (2012). *Benzeduras e benzedeadas da barra da lagoa– Florianópolis/Sc*. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, 2006. Ed. Positivo.
- Fernandes, M. A. (2011). In. Peixoto, A. J. Holanda, A. F. (Coords.) *Fenomenologia do cuidado e do cuidar: Perspectivas multidisciplinares*. Curitiba, PR: Juruá.

Filho, V. P. D. Sá, F. C. de. (2007, Abril/Junho). Ensino Médico e espiritualidade. *Revista o mundo da saúde* (31), pp. 273-279.

Frankl, V. E. (1988). *The will to meaning*. New York: Meridian Books. (Trechos neste trabalho traduzidos por Ivo Stuart Pereira)

Frankl, V. E. (1991). *A psicoterapia na prática* (C. M. Caon, trad.). Campinas, SP: Papirus.

Frankl, V. E. (2003). *Psicoterapia e sentido da vida* (A. M. Castro, trad.). São Paulo, SP: Quadrante.

Gadamer, H. G. (1997) *Verdade e Método*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Gadamer, H. G. (2011) *O caráter oculto da Saúde*. (2ª. Ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Gagnebin, J. M. (1994). *Historia e narração em Walter Benjamin*, Campinas, SP: Perspectiva.

Giovanetti, J. P. (2015). *A Religião como força organizadora da subjetividade na contemporaneidade* In: Vitorio, J. Burocchi, A. M. (Org.) *Religião e Espaço Público: Cenários Contemporâneos*. São Paulo, SP: Paulinas.

Guilouski, B. Costa, D. R. D. da. (2012, Agosto) Ritos e Rituais. *II JOINTH Subjetivação contemporânea e religiosidade*. PUCRS.

Heidegger, M. (2012) *Ontologia (Hermenêutica da facticidade)* Petrópolis, RJ: Vozes.

Heidegger, M. (2012) *Ser e Tempo*, Petrópolis, RJ: Vozes.

Horochovski, M. T. H. (2012, Julho/Dezembro). *Velhas Benzedeadas*. *Revista - Mediações*, 17(2), pp. 126-140. Londrina.

Inwood, M. (2004) *Heidegger*. São Paulo, SP: Edições Loyola.

Jacques, M. das G. C. (2003, Janeiro/Junho). *Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental e trabalho*. *Revista Psicologia e Sociedade*. 15 (1), Porto Alegre, SC.

13º. Congresso Brasileiro De Conselhos De Enfermagem, 2010, Silva, K. D. da. "Ramos que curam: O trabalho das benzedeadas no processo de promoção à saúde, na região do Seridó – RN".

Kovács, M. J. (2007, Abril/Junho). *Espiritualidade e psicologia - cuidados compartilhados*. *Revista o mundo da saúde* 31, pp. 246-255.

Külkamp, I. C. Burin, G. D. Souza, M. H. M. Silva, P. da. Piovezan A. P. (2007, Setembro /Dezembro) *Aceitação de práticas não-convencionais em saúde por estudantes de medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina*. *Revista brasileira de educação médica*. 31 (3), Rio de Janeiro, RJ.

Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch 1980. Druck: graph

Lawn, C. (2011) *Compreender Gadamer*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Lemos, C. T. *Religião e saúde: Busca de uma vida com sentido*.

Minayo, M. C. de S. (1993) *O Desafio do Conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. 2ª São Paulo, SP: ed. Hucitec /Rio de Janeiro, RJ: abrasco.

Minayo, M. C. de S. (2010) *O Desafio do conhecimento*. 12ª. Edição. São Paulo, SP: Ed. Hucitec.

Minayo, M. C. de S. (1998). *Pesquisa Social: Teoria método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Oliveira, E. R. (1985). *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense. 12

Paiva, J. G. (2005, Julho) *Psicologia E Espiritualidade*. *Revista Magis - Cadernos de Fé e Cultura* (47).

Peixoto, L. F. (2002, Maio/Junho). *Saúde e doença. Fragmentos de cultura*. Goiânia, 12(03).

Perrot, M. (2007) *Minha história de mulheres*. São Paulo, SP: Ed. Contexto.

Poel, F.V.D. (2013) *Dicionário da Religiosidade popular: cultura e religião no Brasil*. Curitiba, PR. Nossa Cultura.

Pompa, C. (2003). *Religião como tradução: missionário, tupis e "tapuias" no Brasil colonial*. Bauru, SP. Edusc.

Priore, M.D. (Org.). (1997). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, SP: Contexto.

Quintana, A. (1999). *A ciência da Benzedura*. São Paulo, SP: Cortez.

Rohden, L. (2005). *Hermenêutica filosófica*. RS: Editora Unisinos.

Romanowski, J. P. Ens, R. T. (2006, Setembro/Dezembro) *As pesquisas denominadas do tipo estado da arte*. *Revista Diálogo Educacional*. Curitiba, PR6 (19).

Santos, E. C. Koller, S. H. Pereira, M. T. L. N. (2004). *Religião saúde e cura: um estudo entre neopentecostais*. *Revista Ciência e Profissão*, pp. 82-91.

Santos, F.V. (2007). *O caso das rezadeiras evangélicas: uma breve reflexão sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre as rezadeiras de cruzeta (RN)*. *Revista da Escola Superior de teologia*.

Savioli, R. M. (2007, Abril/Junho). *Oração e cura – fato ou fantasia?* *Revista o mundo da saúde* 31. pp. 281-289.

Sbardelotto, M. (2011) *Hildegard Von Bingen: uma artista, mística e profética*. São Leopoldo, RS. Unisinos.

Silva, V. A. G. (2009). *Benzedeiras de Curitiba: tradição ou modernidade?* *XXV Simpósio Nacional de História da Anpuh*.

Souza, L.M. (1987). *O diabo e a terra de Santa Cruz. Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Titanegro, G. R. (2007, Abril/Junho). *O tempo da espiritualidade*. *Revista o mundo da saúde* 31. pp.167-178.

Vainfas, R. (1985). *A heresia dos índios*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Zoboli, E. L. S. P. Pegoraro, P. B. B. (2007, Abril/Junho) *Bioética e Cuidado: o desafio espiritual*. *O tempo da espiritualidade*. *Revista o mundo da saúde* 31. pp. 214-223.